



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
LETRAS NÍVEL DE MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE
LÍNGUA E LITERATURA**



**UMA LEITURA DIALÉTICA DE “O CAMINHO DE CASA” DE YAA
GYASI: AS MARCAS DA ESCRAVIZAÇÃO**

KATIANE BITTENCOURT WINCKLER

**Guarapuava, PR
2022**

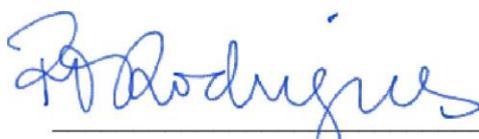
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-
OESTE/UNICENTRO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E
PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESPPROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL

TERMO DE APROVAÇÃO

Katiane Bittencourt
Winckler,

“UMA LEITURA DIALÉTICA DE *O CAMINHO DE CASA DE YAA GYASI*: MARCAS
DA ESCRAVIZAÇÃO”

Dissertação aprovada em 19/08/2022 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:



Prof.(a) Dr.(a) Raquel Terezinha Rodrigues (UNICENTRO) - Presidente/Orientador(a)



Prof.(a) Dr.(a) Carla Alexandra Ferreira (UFSCAR) - Membro Titular



Prof.(a) Dr.(a) Edson Santos Silva (UNICENTRO) - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR2022

KATIANE BITTENCOURT WINCKLER

**UMA LEITURA DIALÉTICA DE “O CAMINHO DE CASA” DE YAA
GYASI: AS MARCAS DA ESCRAVIZAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito para a qualificação do grau de Mestre em Letras, Curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO/PR.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues.

Guarapuava, PR
2022

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

W762L Winckler, Katiane Bittencourt
Uma leitura dialética de “O caminho de casa” de Yaa Gyasi: as marcas da escravização / Katiane Bittencourt Winckler. – – Guarapuava, 2022.
xi, 52 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Interfaces entre Língua e Literatura, 2022.

Orientadora: Raquel Terezinha Rodrigues
Banca examinadora: Carla Alexandra Ferreira, Edson Santos Silva

Bibliografia

1. Escravidão. 2. Ancestralidade. 3. Identidade. 4. Herança. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 305.4

BANCA EXAMINADORA

**Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues – Presidente/orientadora
(Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO)**

**Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira – Membro titular
(Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR)**

**Prof. Dr. Edson Santos Silva – Membro titular
(Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO)**

**Guarapuava, PR
2022**

Em memória à minha avó Ely Silva Winckler, uma admiradora das letras, que acreditava fielmente que a leitura poderia mudar o mundo.

Vai pelo mundo e busca tua própria verdade...

Eu fui aqui, ali, acolá, procurando a minha, a nossa própria verdade, que deixarei aqui escrita para todos os que nos unem pelo que levamos no sangue.

É a nossa herança genética. E com ela estou fazendo a nossa história.

Ely Silva Winckler

AGRADECIMENTOS

Ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

À Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná.

À professora Dra. Raquel Terezinha Rodrigues, minha orientadora, pelo apoio e confiança ao longo desta caminhada que teve início na graduação. Obrigada por fazer parte da minha evolução profissional e pessoal, por acreditar e confiar no meu trabalho.

A todos os meus professores da graduação e da pós-graduação.

À minha família, que sempre acreditou e apoiou os meus sonhos, principalmente aos meus pais, Edegar Pedro Winckler e Cintia Bittencourt Winckler que, desde sempre, incentivaram meus estudos e acreditaram no meu potencial.

Ao meu querido irmão: Douglas que sempre esteve presente em minha vida me apoiando e torcendo pelo meu sucesso.

Ao meu amado esposo, Dionatan, que me apoiou e foi meu alicerce durante esta caminhada.

Aos meus filhos, Isis Eloá e Vitor Hugo, que são o motivo pelo qual eu busco ser alguém melhor a cada dia.

Aos meus amigos Raquel, Renato, Gilberto, Maria Cláudia e Ari, que tive a oportunidade de conhecer durante a graduação e que agora fazem parte da minha vida e que são grandes incentivadores dessa jornada de pesquisa e estudo.



Yaa Gyasi

Para muitos descendentes de escravizados, a história simplesmente termina nos avós. O Caminho de Casa é uma chance de criar algo que possa trazer algum conforto.
(Yaa Gyasi)

Ela se perguntava qual seria o valor de uma ave daquelas, porque no castelo todos os bichos eram avaliados. Ela tinha visto James olhar para uma poupa trazida por um dos mercadores axântis e declarar que ela valia quatro libras. E o bicho humano? Quanto ele valeria? É claro que Effia sabia que havia gente nos calabouços.
(Yaa Gyasi)

WINCKLER, Katiane Bittencourt. **Uma leitura dialética de “O caminho de casa” de Yaa Gyasi: as marcas da escravização**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. Orientadora: Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues. Guarapuava/PR, 2022.

RESUMO

Esta dissertação visa analisar a obra *O Caminho de Casa* da escritora nascida em Gana, Yaa Gyasi, que busca retratar através de uma sequência genealógica os reflexos da escravização, tendo como ponto de partida a história de duas meias irmãs Effia e Elsi que não se conhecem, que nasceram, vivenciaram e fizeram parte das engrenagens da escravização. A partir de sucessivas leituras, foram destacados os principais elementos de análise da obra, para nos ajudar a responder estes questionamentos e contemplar alguns aspectos sociais, psicológicos e simbólicos presentes na obra a partir de seus personagens, nos apropriamos do modelo interpretativo proposto por Robert Schwarz em sua obra intitulada “A poesia envenenada de Dom Casmurro”.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão; Ancestralidade; Identidade e herança.

WINCKLER, Katiane Bittencourt. **Uma leitura dialética de “O caminho de casa” de Yaa Gyasi: as marcas da escravização**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO. Orientadora: Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues. Guarapuava/PR, 2022.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the work *O Caminho de Casa* by the writer born in Ghana, Yaa Gyasi, who seeks to portray through a genealogical sequence the reflexes of enslavement, having as a starting point the story of two half sisters Effia and Elsi who do not know each other. Who were born, experienced and were part of the gears of enslavement. From successive readings, the main elements of analysis of the work were highlighted, to help us answer these questions and contemplate some social, psychological and symbolic aspects present in the work from its characters, we appropriated the interpretative model proposed by Robert Schwarz in his work entitled “The poisoned poetry of Dom Casmurro.

KEYWORDS: Slavery; ancestry; Identity and inheritance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
-------------------------	----------

CAPÍTULO I

YAA GYASI – RECRIANDO HISTÓRIAS.	3
1.1 Autora e recepção da obra	3
1.2 Fortuna crítica.	8
1.3 A construção de uma história “roubada”: aspectos teóricos.....	16

CAPÍTULO II

SAGA FAMILIAR	20
2.1	21

CAPÍTULO III

MARCAS HISTÓRICAS: FERIDAS DA ESCRAVIZAÇÃO	37
3.1 segundo nível de leitura	37

CAPÍTULO IV

HOMEGOING: O CAMINHO DE CASA: O REENCONTRO COM A ANCESTRALIDADE	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Neste trabalho temos como objeto de análise o livro *O Caminho de Casa* da escritora nascida em Gana, Yaa Gyasi, que busca retratar, através de uma sequência genealógica, os reflexos da escravização, tendo como ponto de partida a história de duas meias-irmãs, Effia e Elsi, que não se conhecem, que nasceram, vivenciaram e fizeram parte das engrenagens da escravização.

A partir de sucessivas leituras, foram destacados os principais elementos de análise da obra, bem como foram delimitadas teorias capazes de auxiliar na compreensão do objeto escolhido, possibilitando compreender os reflexos da escravização ao longo de uma linha cronológica pré existente na obra, bem como as relações familiares que são abordadas através da árvore genealógica construída com personagens descendentes de escravizados, que ao longo da narrativa carregam consigo questões culturais e hereditárias.

Considerando a riqueza da obra e principalmente o seu apelo social, Yaa Gyasi, traz à tona inúmeros questionamentos com relação ao apagamento da escravização e seus resquícios na sociedade atual: “Você sabe o que é fraqueza? Fraqueza é tratar alguém como se pertencesse a você. Força é saber que cada pessoa pertence a si mesma” (GYASI 2017), essa busca por pertencimento, por reconhecimento, por se fazer ouvir, por contar uma história não contada: “Nós acreditamos na história de quem detém o poder... Por isso, quando se estuda História, é preciso sempre fazer perguntas. Que história não está sendo contada?”. Que história não está sendo contada?

Para nos ajudar a responder estes questionamentos e contemplar alguns aspectos sociais, psicológicos e simbólicos presentes na obra a partir de seus personagens, nos apropriamos do modelo interpretativo proposto por Robert Schwarz em “A poesia envenenada de Dom Casmurro” do livro *Dois meninas* (1997), na qual, ele propõe, ao analisar *Dom Casmurro*, que sejam feitas três leituras sucessivas, ele destaca que o texto de Machado de Assis contempla vários aspectos sociais, psicológicos e simbólicos.

Dessa maneira, assim como Schwarz, também propomos uma análise a partir de níveis de leitura. A primeira leitura, chamaremos de “Saga Familiar”, nela acompanharemos os acontecimentos do nascimento e da criação dessas irmãs que não se conhecem, vivem em tribos diferentes e têm seus caminhos cruzados em circunstâncias distintas. Contemplando ainda este primeiro nível de leitura temos a continuidade da narrativa que apresenta em cada capítulo uma nova história dos principais personagens das próximas gerações das famílias de Effia e Esi, nessa dissertação nos debruçamos apenas a geração de Effia, sua história e de seus descendentes.

A segunda intitulamos: “Marcas históricas da escravização”, em que buscamos mostrar como a escravização está diretamente ligada no desenvolvimento dos Estados Unidos da América e de África, especialmente no território conhecido hoje como País de Gana. Embora a narrativa contemple essas duas histórias, para essa dissertação propomos um novo recorte, no qual analisamos a história de Effia e seus descendentes, bem como suas relações históricas com o desenvolvimento político e social do país de Gana através de elementos contidos no texto, que possibilitam tecer relações históricas com o romance a partir da perspectiva dialética.

Contudo, a obra ainda nos inquieta no sentido de que há algo a mais a ser explorado, levando-nos ao terceiro nível de leitura, que intitulamos: O reencontro com a ancestralidade. Essa leitura nos permite contemplar as relações sociais presentes na obra. Ao sairmos do texto para explorar as camadas mais profundas da obra, nos deparamos com a personagem Marjore, última descendente da linhagem de Effia, que carrega na bagagem a história de seus ancestrais e o desejo de sua vó de voltar para “casa”.

CAPÍTULO I

YAA GYASI – RECRIANDO HISTÓRIAS

“[...] o impacto da escravidão em uma família.
Ele trata de herança e legado”

Yaa Gyasi

Neste primeiro capítulo, com o objetivo de contribuir com a fortuna crítica da Obra, de Yaa Gyasi, apresentamos alguns aspectos de sua trajetória, a recepção de sua obra e reflexões sobre a construção do romance que tomamos como objeto de estudos: *O caminho de casa*. O objetivo desta pesquisa é dar visibilidade ao romance escrito por Yaa Gyasi, que em sua essência busca reescrever a história de muitos africanos e descendentes de africanos que sobreviveram e tiveram sua história e de seus ancestrais “roubada” durante a escravização, sendo uma voz em meio a tanto silêncio.

1.1 A Autora e a recepção da obra

Yaa Gyasi nasceu em Mampong no Gana, em 1989, e cresceu em Huntsville, no Alabama, EUA. A jovem romancista é licenciada em Inglês pela *Stanford University* e tem *Master of Fine Arts* (MFA) de Escrita Criativa pela Universidade de Iowa. Gyasi estreou na literatura em 2016, aos 27 anos, com a obra *Homegoing*, traduzida no Brasil como *O caminho de casa*, em 2017. Filha de professores universitários, pai da etnia ashanti e mãe da etnia fanti, Yaa Gyasi mudou-se com a família para os Estados Unidos aos dois anos, retornando à sua terra natal alguns anos mais tarde.

A trajetória de vida de Yaa Gyasi coloca-a, como diz a própria autora numa entrevista concedida a Adriana Ferreira Silva à revista *Marie Claire*¹, em 2017a, em ocasião da publicação de sua obra no Brasil, num lugar intermediário:

¹ Escritora Yaa Gyasi transforma a história de uma família africana em best-seller mundial. Entrevista concedida a Adriana Ferreira Silva da *Revista Marie Claire*, 2017a. Disponível em:

É diferente ser uma africana nos Estados Unidos porque, [...], você tem de entender o que significa ser negro. Isso aconteceu com a geração do meu pai, mas, para mim, que cheguei aos Estados Unidos aos 2 anos, sinto que cresci num local intermediário. Falando sobre a minha experiência, eu não tinha a sensação de ser uma ganense, porque não tinha conexão profunda com Gana. Não tinha voltei ao meu país até completar 11 anos e, depois disso, só ia no verão, até fazer 20 anos, mas me sinto confortável lá. Nunca me senti uma ganense, mas, tampouco, americana. É como se estivesse entre essas duas nacionalidades (GYASI, 2017a).

Questionada sobre o lugar no qual se sente em casa, Gyasi responde:

Se você fizesse essa pergunta aos meus pais, eles diriam que se sentem em casa em Gana, mesmo estando nos Estados Unidos há quase 30 anos. Para mim, é Gana, mas também Ohio, Califórnia e, agora, Nova York. É um mix de Estados Unidos e Gana. Agora é Nova York, mas pode ser para onde a vida me levar (GYASI, 2017a).

Numa posição diferente dos afro-americanos, justamente por se colocar nesse lugar intermediário, Gyasi reconhece as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, principalmente dos africanos, ao se inserir num novo espaço, diferente de seus costumes, de sua cultura:

Não havia outros imigrantes da África Ocidental quando minha família se mudou para o Alabama. Então, acredito que tenha sido bastante desolador, especialmente para meus pais, que estavam acostumados com uma vida em comunidade. Foi bastante difícil para a gente encontrar nosso lugar. (GYASI, 2017a)².

Yaa Gyasi é apresentada como autora americana, mas sua origem faz com que sua escrita se some às vozes femininas da literatura africana como Chimamanda Ngozi Adichie, Paulina Chiziane, Nadine Gordimer, Scholastique Mukasonga, Futhi Ntshingila, Nadifa Mohamed, NoViolet Bulawayo, Buchi Emecheta, apenas para citar alguns nomes.

<https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2017/09/escritora-yaa-gyasi-transforma-historia-de-uma-familia-africana-em-best-seller-mundial.html> Acesso em: 27 jul. 2022.

² “O caminho de casa” Premiado romance de Yaa Gyasi acompanha descendentes de duas irmãs africanas. Entrevista concedida a Sérgio Luz, do O Globo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-caminho-de-casa-premiado-romance-de-yaa-gyasi-acompanha-descendentes-de-duas-irmas-africanas/> Acesso em: 27 jul. 2022.

Com a publicação de *Homegoing* (2016), “Yaa foi nomeada uma das 5 melhores escritoras abaixo dos 35 anos pela National Book Foundation³” (ALBERTI, 2017)⁴. Essa nomeação revela a boa recepção da obra pelo público. Além disso, a autora recebeu, pela obra, o prêmio *PEN/Hemingway*⁵ de melhor romance de estreia. O debut da autora é triunfante, alcançou a lista dos mais vendidos e dos 100 livros mais notáveis do ano do *The New York Times*, considerada a lista mais prestimosa de best sellers dos Estados Unidos. Os direitos de tradução da obra foram vendidos para 20 países.

Definido pela autora, na entrevista à *Marie Claire*, *O caminho de casa* é “como uma novela sobre o impacto da escravidão numa família e também sobre como é possível herdar dramas e ideais de gerações passadas. Ele trata de herança e legado” (GYASI, 2017a). Gyasi dá voz a uma história silenciada por longos anos e, com isso, oportuniza a reflexão sobre a escravidão: “Temos de reconhecer a escravidão institucional como uma grande indústria, que envolveu muitas pessoas, incluindo os africanos” (GYASI, 2017a). Ela traz à tona a discussão sobre a memória da escravidão e a participação dos africanos no tráfico de escravos, colocando-a como mote para a construção do romance. A autora destaca também a importância de reconhecer a escravidão como uma grande indústria que movimentou milhões, e que contou com a participação do povo africano de uma maneira diferente, mas que ele fez sim parte desse processo de comercialização de seu povo, o que, para autora, trata-se de um carma que nos traz desconforto:

Comecei a escrever esse livro porque fiz uma viagem a Gana e, durante um tour ao castelo de Cape Coast, onde ficavam os escravizados antes de serem levados à América, o guia contou sobre esse envolvimento de diferentes grupos étnicos, que eram traídos ou vendiam as pessoas eles próprios. Essa

³ The National Book Foundation, criada em 1950, em Nova York, tem como missão “celebrar a melhor literatura da América, expandir seu público e garantir que os livros tenham um lugar de destaque na cultura americana”. Disponível em: <https://www-nationalbook-org.translate.goog/about-us/mission-history/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=sc> Acesso em: 27 jul. 2022.

⁴ ALBERTI, Gabriela. (2017). Quem é Yaa Gyasi, a escritora que fez da vida de uma família africana um best seller mundial. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/09/quem-e-yaa-gyasi-a-escritora-que-fez-da-vida-de-uma-familia-africana-um-best-seller-mundial/> Acesso em: 27 jul. 2022.

⁵ “O PEN/Hemingway Award for Debut Novel homenageia um romance de estreia de mérito excepcional de um autor americano que não publicou anteriormente um livro de ficção completo. O Prêmio visa preservar o romance como forma de arte e apoiar a longevidade da carreira literária do escritor. O vencedor receberá um prêmio em dinheiro de US\$ 10.000 destinado a permitir tempo e recursos significativos para prosseguir com uma obra de ficção subsequente”. Disponível em: <https://pen-org.translate.goog/pen-hemingway-award/? x tr sl=en& x tr tl=pt& x tr hl=pt-BR& x tr pto=sc> Acesso em: 27 jul. 2022.

parte da história, nós africanos, não gostamos pensar ou falar a respeito. É um Karma nos faz sentir desconfortável. (GYASI, 2017a)⁶.

Na entrevista para Sérgio Luz de *O Globo*, Gyasi (2017) complementa:

A viagem foi o gênese de “O caminho de casa”. Visitar o Castelo de Cape Coast (fortificação de onde negros escravizados eram enviados para a América) foi uma experiência aterrorizante. Eu me lembro de estar parada nos calabouços e sentir raiva e tristeza ao mesmo tempo (ALBERTI, 2017).

O caminho de casa (2017), romance ficcional, proporciona ao leitor desvendar os não ditos do texto por meio de uma perspectiva histórica. Dividido em 14 capítulos, o livro narra a história de duas meias-irmãs ganesas, Effia Otcher e Esi, e seus descendentes, desde meados do século XVIII até a geração mais nova. As irmãs que não se conhecem vivem lados opostos e dolorosos do processo de escravização. Filhas de pais diferentes, Effia das terras fantis e Esi das terras ashantis, tiveram seus caminhos traçados no Castelo de Cape Coast e destinos diferentes nessa trama.

Effia, conhecida como “a Bela”, foi vendida por seus pais a um colonizador inglês chamado James Collins, com quem se casa e passa a viver no Castelo de Cape Coast. O conforto e a rotina palaciana fazem com que sua vida e a de seus descendentes siga um rumo diferente do de sua irmã. Esi, após ser capturada, vive como prisioneira no castelo, abaixo dos aposentos de Effia, no calabouço das mulheres, até ser enviada para a América e vendida posteriormente como escrava. Essa trajetória histórica passa pelas masmorras da costa africana, mencionadas pela autora nas entrevistas já citadas, pelos campos de plantação dos estados sulistas, algodão açúcar e tabaco, e pela Guerra Civil Americana (1861-1865).

Antes de iniciar a narrativa da obra que tomamos como objeto, *O caminho de casa*, Gyasi se vale de um significativo provérbio dos povos de língua Akan da África Ocidental: “A família é como a floresta. Se você estiver do lado de fora, ela é fechada; se estiver dentro, verá que cada árvore tem sua própria posição”. Ao destacar este provérbio, a autora referência elementos autobiográficos considerando que, embora

⁶ Escritora Yaa Gyasi transforma a história de uma família africana em best-seller mundial. Entrevista concedida a Adriana Ferreira Silva da *Revista Marie Claire*, 2017. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2017/09/escritora-yaa-gyasi-transforma-historia-de-uma-familia-africana-em-best-seller-mundial.html> Acesso em: 27 jul. 2022.

esteja fora de seu lugar de origem, ao resgatar os acontecimentos abordados no enredo do livro resgata sua própria história e a de seu povo, essa grande família que viveu e sobreviveu as barbáries da escravização que, de forma avassaladora, repercute geração após geração.

Para Gyasi (2017a), “um dos aspectos devastadores da escravidão é a maneira como as famílias foram separadas”. Pensando nisso, ela buscou dar um passado a este grupo de pessoas que tiveram sua história marcada pela escravização e que tiveram suas vozes silenciadas ao longo dos anos. Assim, os personagens do seu livro, sendo sua maioria com ascendentes africanos, tiveram a oportunidade de traçar seus ancestrais anteriores aos avós ou aos bisavós.

A obra é referenciada como um elo com o passado: “O grande presente que Yaa Gyasi nos ofereceu é justamente o que a escravidão negou aos seus descendentes: a possibilidade de imaginar a conexão entre as ramificações partidas de suas origens”, declara Isabel Wilkeson, *The New York Times Book Review*, em avaliação crítica impressa na contracapa da obra publicada em 2016.

Considerando a contemporaneidade da autora encontramos algumas pesquisas e trabalhos científicos sobre ela, bem como entrevistas, resenhas e comentários significativos de jornais de grande circulação e relevância, que destacam a importância da obra, como os evidenciados na resenha publicada pela editora Rocco⁷:

Romance de estreia da jovem autora ganense-americana Yaa Gyasi, *O caminho de casa* chega ao Brasil com reconhecimento de crítica e público suficientes para justificar toda a expectativa gerada pela sua publicação. Se debruçando com maturidade sobre as feridas abertas da escravidão, Gyasi constrói uma obra “surpreendente” (*The Guardian*) e “hipnotizante” (*The New York Times*), “um tesouro a ser apreciado” (*Financial Times*)⁸.

[...]

Entre os atributos do romance mais celebrados pela crítica está a coragem e honestidade da autora ao tratar de um assunto complexo como a escravidão sem recorrer a soluções fáceis como sentimentalismo e o delineamento do bem e do mal em linhas claras (The Washington Post 20).

⁷ Resenha da obra *O caminho de casa* pela editora Rocco. Disponível em: <https://www.rocco.com.br/livro/o-caminho-de-casa/> Acesso em: 28 jul. 2022.

O romance é visto como algo surpreendente, que movimentou o cenário literário pela maneira com que a autora articula sua escrita, abordando um tema doloroso, mas necessário, de maneira objetiva, que prende o leitor, capítulo após capítulo, através de histórias independentes, mas com características em comum: a herança e as consequências da escravização. E, como se pode notar, a obra teve excelente recepção pelo público. Na próxima seção, com vistas a dar visibilidade à fortuna crítica da autora, elencaremos as produções já publicadas em torno da obra *O caminho de casa*.

1.2 Fortuna crítica

Apreciada pelo público, aclamada e premiada, a obra *O caminho de casa* (2017) tornou-se objeto de interesse de estudiosos e pesquisadores, assim, com o objetivo de elencar a fortuna crítica da autora no Brasil, fizemos uma pesquisa no Portal de Periódicos da Capes com as palavras-chave Yaa Gyasi, *O caminho de casa*. Essa busca, contudo, revelou-se improdutiva e, por isso, alteramos as palavras para Yaa Gyasi, *Homegoing*, nessa nova tentativa, 205 resultados foram mostrados, entre resenhas e artigos, filtrando a busca pelo nome da autora esse número reduziu para 20, sendo apenas dois artigos revisados por pares, na língua inglesa e sem acesso ao texto integral. Diante da ausência de produções brasileiras, passamos a fazer a busca em outro portal, o Google Acadêmico, com as mesmas palavras-chave, que nos mostrou 30 resultados. O número de ocorrências com as palavras-chave pesquisadas inclui artigos, dissertações, teses, capítulos de livros e citações. Recortamos os trabalhos que efetivamente se debruçam sobre a obra da autora, sendo: uma tese, uma dissertação e dois artigos. Embora pareça desnecessário explicar o método de busca, julgamos procedente, tendo em vista que a falta de dados também configura um dado.

Gabriella Gargalhão Antunes, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, retrata em seu artigo, “Escravidão e diáspora: uma análise de *O caminho de casa*, de Yaa Gyasi” (2020), publicado na *Revista (Entre Parênteses)*, as relações diaspóricas presentes na obra *O Caminho de Casa*. Antunes recorta alguns dos personagens do

livro para analisar os efeitos da diáspora africana, do tráfico de escravos e da vida pós-escravidão.

Fundamentada nas teorias de diáspora africana e de representação da identidade cultural do sujeito diaspórico, a pesquisadora busca demonstrar em sua análise os modos como “ao serem escravizados, os africanos foram forçados a adaptar-se aos costumes e ao idioma de seus senhores” (ANTUNES, 2020, p. 15). De acordo com ela, “essa adaptação, na maioria das vezes, gerava uma identidade híbrida, forjada em meio a muito sofrimento e violência” (ANTUNES, 2020, p. 15).

As discussões de Antunes (2020, p. 16) a levam a concluir que a escravidão resultou numa cicatriz, ou para utilizar a expressão de Said (2003) empregada por ela, em uma “fratura incurável” entre os escravizados e “sua terra natal, tornando-se um legado de sofrimento que encontra no racismo e na exclusão a sua face hodierna”. Suas palavras finais engrandecem a obra de Gyasi por permitir refletir “sobre passado e presente e desejar que se aprenda algo com a história” (ANTUNES, 2020, p. 16).

O segundo artigo que trazemos à lume, intitulado “O romance pós-colonial na África: as expressões da violência” publicado na revista *Proficientia*, em 2020, foi escrito por Adilson Vagner Oliveira do Instituto Federal do Mato Grosso, professor do Instituto Federal de Mato Grosso - Campus Avançado de Tangará da Serra, em parceria com os bolsistas do CNPq, membros do Grupo de Pesquisa “Literaturas Africanas em Perspectiva Comparada: História, Política e Sociedade”, Eduarda da Rosa Zanella, Eduarda Monteiro Santi e Larissa Dias Scariote.

Neste artigo, os autores trazem uma importante análise comparativa de obras das literaturas africanas, com o objetivo de demonstrar aspectos da violência presentes nos romances pós-coloniais. Estabelecendo uma aproximação temática entre as produções narrativas *Desonra* (2000) de J. M. Coetzee, *O caminho de casa* (2017) de Yaa Gyasi e *Hibisco Roxo* (2015) de Chimamanda Ngozi Adichie, os autores evidenciam os vários tipos de violência abordados, como a violência sexual, física, doméstica, psicológica e verbal, a fim de expor como a violência tornou-se um elemento composicional na literatura pós-colonial.

Ao abordar a violência expressa no romance de Yaa Gyasi, na subseção quatro do artigo, os autores, após contextualizar o enredo para o leitor, apontam para a violência doméstica vivida por Effia, maltratada pela madrasta, que também é agredida

pelo marido, pai de Effia. A violência sexual também é apontada como presença na obra, quando Esi, prisioneira no calabouço de Cape Coast, testemunha o estupro de outras prisioneiras e é igualmente violentada por soldados britânicos. A violência física das chibatadas é outra forma de domínio e poder do branco sobre o negro, destacada pelos autores em *O caminho de casa*. Além disso, o emprego de outras formas de violência física, como o enforcamento, resultava na morte de escravizados para servir de lição aos outros escravizados. No período pós-escravidão, retratado na obra de Gyasi, os autores destacam as agressões físicas e discriminatórias, resultantes e fortalecedoras do profundo preconceito arraigado na sociedade, que acabaram significando o negro como o vilão. Embora os autores não tenham explicitado, é válido destacar também a violência verbal, tão dolorosa quanto a violência física, já que silencia e exclui.

Esses tipos de violência também são observados nas outras duas obras tomadas como *corpus* de análise dos autores, mostrando que:

[...] a violência presente na literatura pós-colonial africana é retratada diferentemente dentro das obras analisadas, pois cada uma delas está inserida em um contexto histórico e cultural. Os autores J. M. Coetzee, Yaa Gyasi e Chimamanda Adichie escreveram sobre países diferentes, África do Sul, Gana e Nigéria, respectivamente, apresentando um modo distinto de representar a violência dentro de suas obras, podendo ser a violência sexual, física, doméstica, psicológica e verbal. Contudo, é inquestionável o grau de aproximação temática dessas narrativas, como produtos de práticas históricas e culturais semelhantes, pode-se afirmar que essas literaturas se edificam sobre o mesmo passado de exploração e violência (OLIVEIRA; ZANELLA; SANTI; SCARIOTE, 2020, p. 55).

A partir de um ponto de vista diferente do lançado pelos estudos literários, a dissertação defendida em 2021 pela professora Mariana Jucá De Mello Cardozo, *O caminho de casa: ensinar história com a literatura e educar-se nas relações étnico-raciais*, pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), buscou responder a questão: como promover uma educação para as relações étnico-raciais uma educação antirracista nas aulas de História, em diálogo com a Literatura? Para tanto, a pesquisadora desenvolveu seus estudos numa turma de 9º ano de uma escola pública da capital catarinense. Tomando a obra literária *O caminho de casa*, a professora planejou suas aulas partindo das relações étnico raciais e pelos processos históricos que estão

ligados a demandas do presente e à obra de Yaa Gyasi, pois, de acordo com Cardozo (2021, p. 7), “as biografias narradas no romance de Yaa Gyasi reverberam as milhares de histórias pessoais da diáspora africana”, o que permite estabelecer um diálogo entre literatura e história,

[...] convidando os estudantes a pensarem sobre as diversas possibilidades das narrativas históricas, instrumentalizando-os para revisitarem a sua própria história, suas ancestralidades e as trajetórias de seus familiares (CARDOZO, 2021, p. 8).

Ao tomar o romance como recurso nas aulas de História, conforme destaca Cardozo (2021), é possível despertar no aluno o interesse pela leitura e a sensibilidade para questões que envolvem a escravidão, o racismo, o preconceito, já que na literatura o fato histórico ganha um nome, um rosto, uma identidade, ganha voz, pois, no caso de *O caminho de casa*, é o escravizado narrando a sua história, o seu ponto de vista sobre os acontecimentos e todas as agruras sofridas pelas ações daqueles que se colocaram no lugar de superioridade e que tiveram a permissão para violar todo e qualquer direito das pessoas escravizadas.

A narrativa literária, ainda que ficcional, pode ser uma forma de representação de ideias, de visões de mundo e de situações presentes no contexto em que está inserida, assim como do próprio autor preferências e de seus questionamentos e perspectivas. Logo, o texto literário é fonte, mas também é linguagem, já que é uma forma de expressão de uma determinada maneira de ver e conceber o mundo. A Literatura é, portanto, uma excelente ferramenta para sensibilizar e promover o envolvimento dos estudantes da Educação Básica em relação à realidade histórica e ao seu presente (CARDOZO, 2021, p. 28).

Na dissertação, Cardozo (2021, p. 51) descreve todo o processo de metodológico desenvolvido em suas aulas e destaca que “provocar o estranhamento nas aulas de História a partir do uso da obra literária *O Caminho de Casa* foi um dos objetivos desta proposta de ensino”. Suas atividades pedagógicas iniciaram-se com a mobilização dos conhecimentos prévios dos alunos acerca da História, o que, segundo ela, possibilita que a sala de aula se transforme em um lugar de escuta. Para isso, a professora pesquisadora propôs que, em duplas, um entrevistasse o outro sobre duas questões relacionadas à disciplina de História: “O que é História para

você? A História tem alguma influência na sua vida ou na vida das pessoas?” (CARDOZO, 2021, p. 51).

Para o registro dessa atividade inicial, Cardozo solicitou, a gravação em áudio, formatadas em *podcasts*, o que lhe deu condições de refletir sobre os dizeres dos alunos. Ao longo do seu texto, ela destaca algumas dessas falas, analisando-as, como em: “História para mim é uma coisa que as pessoas contam e dizem que terminou. Dão um ponto final. Só que não é bem assim, porque a História nunca acaba...” (CARDOZO, 2021, p. 52) e, também, “[...] ela (a História) pode influenciar de uma boa maneira ou não, isso parte das nossas atitudes” (CARDOZO, 2021, p. 53). Nesse processo, a professora acrescentou elementos que possibilitassem aos alunos colocarem-se como sujeitos na história e refletissem sobre as relações étnico-raciais, problematizando o racismo estrutural no Brasil. Disso decorreu, conforme ela destaca, a fala de uma estudante:

[...] Para mim é muito difícil de lidar, já foi mais difícil, porque eu cresci na favela, onde eu sofria muito racismo pela minha cor, pelo meu cabelo, por ser quem eu sou. Isso afetou muito em mim quando eu era menor, eu ouvia calada isso. Mas agora com essa idade que eu estou, eu já percebi que eu não preciso mais ficar calada para o racismo. Que eu posso falar, eu posso abrir a minha boca e dizer o que eu penso e quem eu sou e ter orgulho da minha cor, da minha raça. A minha raça e a minha cor é uma coisa que eu vou levar para a vida e eu nunca vou deixar ninguém falar dela (CARDOZO, 2021, p. 52).

Consideramos relevante dar visibilidade a esses dizeres, pois concordamos com Cardozo quando afirma que esses depoimentos significam a escola como um “lugar onde narrativas históricas de sujeitos de outros tempos e de outros lugares podem ser reelaboradas de forma positiva e podem ajudar a construir uma sociedade mais inclusiva” (CARDOZO, 2021, p. 53), que o espaço escolar propicia o debate, a construção para o pensamento crítico-reflexivo e ações para uma educação antirracista. Nesse debate, a professora insere a obra de Yaa Gyasi como um romance histórico que

[...] buscou dimensionar o impacto da escravidão na vida de homens e mulheres ao longo de oito gerações. Assim, procuro, a partir da Literatura, mostrar como as gerações narradas são afetadas pela escravidão ao longo do tempo de formas diferentes (CARDOZO, 2021, p. 55-56).

Para trabalhar o romance, a professora lançou mão de diferentes estratégias, como a leitura da história de um personagem apenas, já que a estrutura da obra torna essa leitura possível, “cada dupla responsabilizou-se por dois capítulos da obra, que representavam duas biografias geracionais” (CARDOZO, 2021, p. 56), formulou questões de ordem estrutural e reflexiva em torno da obra literária, solicitou que as leituras fossem apresentadas à turma e que fossem produzidas ilustrações ou poemas para socialização. A pesquisadora concluiu que “o momento da socialização da leitura com a turma e as conversas e questões envolvendo os diversos personagens afetou os estudantes de alguma forma. Algo os tocou. A História tornou-se viva!” (CARDOZO, 2021, p. 60).

Cardozo (2021) apontou em seu estudo as dificuldades enfrentadas durante o período de aulas remotas em decorrência da pandemia causada pela Covid-19, e as reformulações em seu plano de trabalho, como a criação de um *site* colaborativo, denominado “Trilhas de Estudo⁹”, que ela tem o cuidado de descrever e explicar ao leitor, evidenciando os resultados obtidos com suas proposições em sala de aula em torno da obra literária em diálogo com a história. Consideramos que a descrição e a divulgação de seu trabalho pedagógico ao público, por meio do site, constituem-se parte da fortuna crítica de Yaa Gyasi. Assim, a sua dissertação desdobra-se em outra leitura da obra com a apreciação e reflexão de seus alunos apresentadas por depoimentos, reflexões, poemas, ilustrações, *podcasts*, *storyboard*, animação e cartas no *site* “Trilhas de Estudo”.

Para a pesquisadora, na conclusão de sua dissertação, a leitura da obra da Yaa Gyasi nas aulas de História, tornou “possível sensibilizar os estudantes sobre o tema do racismo estrutural [...] [e] pensar sobre a ancestralidade e as identidades dos sujeitos em termos individuais e coletivos” (CARDOZO, 2021, p. 81). Nas palavras da autora:

[...] promover uma educação para as relações étnico-raciais – uma educação antirracista – nas aulas de História, em diálogo com a Literatura, significa pensar sobre o direito à existência dos indivíduos, das suas identidades (coletivas e individuais) e da ancestralidade dos povos. A estrutura literária da obra de Yaa Gyasi tornou a abordagem de uma questão tão dura, como o racismo, mais sensível e acessível aos estudantes que muitas vezes não têm o hábito da leitura, criando uma porta de acesso e entusiasmo pelo (e para) o conhecimento histórico devidamente conceituado e contextualizado (CARDOZO, 2021, p. 84)

⁹ Trilhas de Estudo. Disponível em: <https://trilhasdeestudo.com.br/> Acesso em: 28 jul. 2022.

Dentro da fortuna crítica de Yaa Gyasi no Brasil, apresentamos ainda a tese de doutoramento do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, defendida por Vanessa Hack Gatelli, em 2021, sob o título *Black is black: trauma e identidade em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves e Homegoing, de Yaa Gyasi*, na qual a autora faz um estudo interpretativo das identidades em narrativas afrodiaspóricas contemporâneas, tomando como *corpus* os romances *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves e *Homegoing*, de Yaa Gyasi, para compreender “como a escravidão, o racismo e a segregação [...] originaram um trauma que foi fundamental para a formação de identidades africanas e afrodiaspóricas” (GATELLI, 2021, p. 8).

Segundo a autora, ambos os romances trazem em seu cerne eventos traumáticos relacionados à escravidão e ao tráfico de escravos, fazendo emergir questões identitárias e de pertencimento. A partir disso, e com base em Hall (2003), ela problematiza os modos como são concebidas as identidades em narrativas afrodiaspóricas contemporâneas. A hipótese da Gatelli (2021, p. 17) é a de que essas “narrativas contemporâneas apresentam uma “estética diaspórica” (HALL, 2003), cujas identidades são concebidas pela narrativização de traumas associados ao colonialismo e, conseqüentemente, à escravidão”. Para confirmar sua hipótese, a pesquisadora busca “identificar e analisar, de forma interpretativa, os processos identitários e traumáticos desses dois romances, analisando-os à luz das teorias pós e decoloniais da literatura comparada e das diversas teorias do trauma” (GATELLI, 2021, p. 17).

Na análise de *Homegoing*, Gatelli (2021), considerando a estrutura narrativa da obra em duas linhas distintas marcadas pelas personagens Effia, que permanece na África e Esi, que é levada como escrava para a América, ambas filhas de Maame, criadas em tribos diferentes e que nunca se conheceram, e as sete gerações de seus descendentes, bem como a ficcionalização de diversos momentos históricos, afirma que a obra se constitui como espaço “para dramatizar a trajetória das identidades africanas e afro-americanas” (GATELLI, 2021, p. 66). De acordo com a autora, “ao longo de cada uma das gerações, o trauma da escravidão acaba por criar novas identidades africanas e afro-americanas” (GATELLI, 2021, p. 67), causadas pelo trauma do sofrimento, do preconceito e pelas interferências europeias causadas pelo

tráfico de escravos. Gatelli vai mostrando tais identidades ao longo de sua análise, destacando cada um dos quatorze personagens apresentados na obra.

Ao tecer as considerações finais de sua tese, Gatelli (2021) reforça a construção de identidades híbridas na geração de Esi, destituída, ela própria, de sua identidade africana ao atravessar o Atlântico e escravizada na América. Conforme a autora, os traumas sofridos por Effia e Esi vão produzir efeitos em toda a sua geração. “Esi e seus respectivos descendentes passam a sofrer com o chamado PTSS – Post Traumatic Slave Syndrome – que resulta dos séculos de escravidão e de discriminação” (GATELLI, 2021, p. 118). Enquanto Effia e sua geração sofre com as interferências britânicas e transforma a visão que têm de si e do mundo.

Para Gatelli (2021), o romance de Yaa Gyasi, “ao narrar tantos episódios traumáticos, [...] retoma um passado histórico, colocando em evidência a problemática das questões identitárias de povos subjugados” (GATELLI, 2021, p. 118). A análise da autora tornou “possível observar que a escravidão e o colonialismo provocaram um trauma coletivo e que a partir dele, novas identidades foram forjadas com muita luta” (GATELLI, 2021, p. 118). Ao retomar sua hipótese inicial, Gatelli (2021, p. 118), confirma que as “identidades são desenhadas por meio da narrativização de traumas”. A pesquisadora conclui que:

[...] o movimento que ambos os romances fazem para tornar questões pessoais em problemas políticos é a chave para compreender as identidades na diáspora. O caleidoscópio das memórias das personagens analisadas são um lembrete de que nem todos sobrevivem e que cada geração vai trabalhar e pensar o trauma da escravidão à sua maneira. Com o poder da subjetividade que a literatura permite explorar, as narradoras atribuem sentimentos e nuances para figuras históricas marcadas por tragédias (GATELLI, 2021, p. 119).

Esses estudos dão uma noção da grandeza e da importância da obra de Yaa Gyasi, *O caminho de casa*, para a literatura mundial e para a literatura africana ao dar visibilidade a uma memória que não se encontra registrada em livros e manuais que difundem a história mundial. *O caminho de casa*, como afirma Antunes (2020, p. 16) sobre a literatura, é “um lugar de memória, onde os arquivos históricos são revolidos e criticamente revisitados”, Yaa Gyasi “nos permite refletir sobre passado e presente e desejar que se aprenda algo com a história” (ANTUNES, 2020, p. 16).

Seguindo a mesma linha, destacamos um trabalho publicado fora do Brasil. De Joana Maria Cañellas, nele o objetivo é tratar o trauma passado de geração a geração, considerado como um espécie de “Karma” ou “herança amaldiçoada”, em que os descendentes sentem as dores e têm traumas de eventos não vividos, mas que são responsáveis pelas marcas da formação dos índios. Esses traumas repercutem em suas formações identitárias, na maneira de se ver e de ser visto, bem como sua relação com o mundo. Dessa forma ele mostra como o racismo, a escravidão e a segregação afetaram a constituição da identidade de um povo.

Considerando todas as reflexões relacionadas as pesquisas apresentadas até aqui, reforçamos o que foi citado anteriormente na entrevista de Yaa Gyasi à revista Marie Claire, este trabalho vai seguir a mesma linha reflexiva de explorar os aspectos da escravização e suas marcas no processo de formação de um povo.

1.3 A construção de uma história “roubada”: aspectos teóricos

Ao nos depararmos com a história da humanidade em relação ao processo de escravização percebemos que há uma banalização dos efeitos e das consequências devastadoras para aqueles que foram vítimas e todos os seus descendentes. Existe uma falta de comprometimento com a verdade na construção de uma história única, contada até hoje pelo colonizador. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p. 9). Assim se criou um imaginário sobre o escravizado, sobre o negro, associado à violência e à demonização, que repercute ainda hoje nas diversas situações de racismo e preconceito mostradas pela mídia diariamente, como o assassinato de George Floyd nos Estados Unidos em 2020, por um policial branco ou as agressões sofridas pelos filhos dos atores Bruno Gagliasso e Giovana Ewbank e um grupo de turistas angolanos num restaurante de Portugal, em que uma mulher branca é flagrada proferindo uma série de xingamentos racistas¹⁰.

¹⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2022/08/01/giovanna-ewbank-e-bruno-gagliasso-abrem-queixa-formal-contra-mulher-que-xingou-filhos-do-casal.ghtml> Acesso em: 30 de jul. 2022.

A história da escravidão apaga de sua narrativa a voz do escravizado, sua trajetória de vida, sua própria humanidade. História essa que diz sobre a escraviZAÇÃO, o número de pessoas escravizadas, mas se esquece de dar voz ao escravizado para que ele a conte, do seu ponto de vista.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder (ADICHIE, 2019, p. 9).

Adichie rejeita a história única porque essa, como explicitado na citação acima, geralmente é contada pelo ponto de vista daquele que detém o poder e é o seu ponto de vista sobre determinado acontecimento que circula como verdade. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2019, p. 10). Qual é a história dos africanos escravizados e os seus desdobramentos? Essa é uma história que precisa ser conhecida, divulgada, debatida, pois “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (ADICHIE, 2019, p. 10).

Yaa Gyasi, com ousadia e genialidade, conta o outro lado da história e permite recriar uma identidade aos sobreviventes da escravização, através da ancestralidade por ela resgata, a história de Effia e Esi, representa vários e vários grupos africanos que tombaram diante do colonizador, sem esperança de futuro e com o seu passado, suas crenças e cultura roubadas. Norteados pela crítica dialética, buscamos desvendar as minúcias desta narrativa, que traz consigo um rico valor social e histórico. Afinal, como afirma Adichie (2019, p. 11):

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

A riqueza dos detalhes e o preciosismo de Gyasi, nos permitem reviver, através da leitura, os acontecimentos por ela narrados. *O caminho de casa*, nos mostra que personagens negros, mestiços e brancos igualmente são capazes de atos de generosidade e barbárie, embora que com motivações bem diferentes.

Vale ressaltar que, no que diz respeito aos estudos pós-coloniais, surge a necessidade de se recuperar e de certa forma tentar resgatar um pouco do que foi perdido, através de relatórios memorialísticos ou ficcionais carregados de valores históricos, assim como a construção feita por Gyasi em seu livro. A construção da narrativa sob o olhar de quem está próximo ao colonizado e, de certa forma através de seus descendentes, fez parte da indústria da escravização, permite que seja recontada a história, deixando de ser única. Embora não tenha obrigação com a verdade, a narrativa traz uma luz e acalento a um povo que passa a construir sua história.

Para analisar o livro *O Caminho de Casa*, de Yaa Gyasi, nos apropriamos do modelo interpretativo proposto por Roberto Schwarz em *A Poesia Envenenada de Dom Casmurro*, capítulo do livro *Duas Meninas* (2006). Schwarz propõe a análise da obra machadiana através de níveis de leitura, para que, segundo ele, seja possível desvendar as “armadilhas”, presentes na obra. Em *Dom Casmurro*, a proposta de análise se dá a partir de três leituras sucessivas, que são intituladas respectivamente como: romanesca, patriarcal/policial e leitura à contracorrente.

Na primeira leitura, romanesca, tem-se o desenrolar do amor vivido pelos personagens, passando despercebido nessa leitura superficial as denúncias sociais propostas por Machado de Assis na narrativa; no segundo nível de leitura, uma segunda camada é descoberta emergindo o retrato social proposto na obra machadiana, que busca construir a identidade do personagem Bentinho de forma enigmática, e por fim, na última camada proposta nesta análise, intitulada contracorrente, chegamos ao pulo do gato, onde todos os enigmas e armadilhas são desvendados.

As inquietações provocadas pela proposta analítica de Schwarz, nos permite repensar a função social das obras literárias. Desta forma ao deslocarmos seus conceitos para este trabalho, propomos uma releitura de *O Caminho de Casa*, pelos mesmos moldes adotados por ele, respeitando as particularidades da obra.

A primeira leitura, embora de superfície, representa a história norteadora do romance, a saga familiar que conta a história dessas duas meias-irmãs que seguem caminhos distintos em virtude do processo de escravização, refletindo diretamente na vida de seus descendentes. Contudo, há muito a ser desvendado e ao mergulhar mais a fundo no texto, chegamos à segunda leitura, que traz importantes marcas históricas, do desenvolvimento político e social do atual país de Gana e de seus habitantes. E, por fim, num mergulho ainda mais profundo, vemos luz em meio a escuridão profunda deixada pela escravização, assim, no terceiro nível de leitura, trazemos os personagens dessa incrível narrativa para casa, representando seu pertencimento ao seu país, a sua origem, resgatando sua ancestralidade.

CAPÍTULO II

A SAGA FAMILIAR

Neste capítulo apresentamos a teoria norteadora desta dissertação mencionada anteriormente e a seguir o primeiro nível de leitura, norteados pelos estudos de Schwarz, que propõe um modelo interpretativo proposto por Roberto Schwarz em *A Poesia Envenenada de Dom Casmurro*, capítulo do livro *Duas Meninas* (2006). Schwarz propõe a análise da obra machadiana através de níveis de leitura, para que, segundo ele, seja possível desvendar as “armadilhas”, presentes na obra. Em *Dom Casmurro*, a proposta de análise se dá a partir de três leituras sucessivas, que são intituladas respectivamente como: romanesca, patriarcal/policial e leitura à contracorrente.

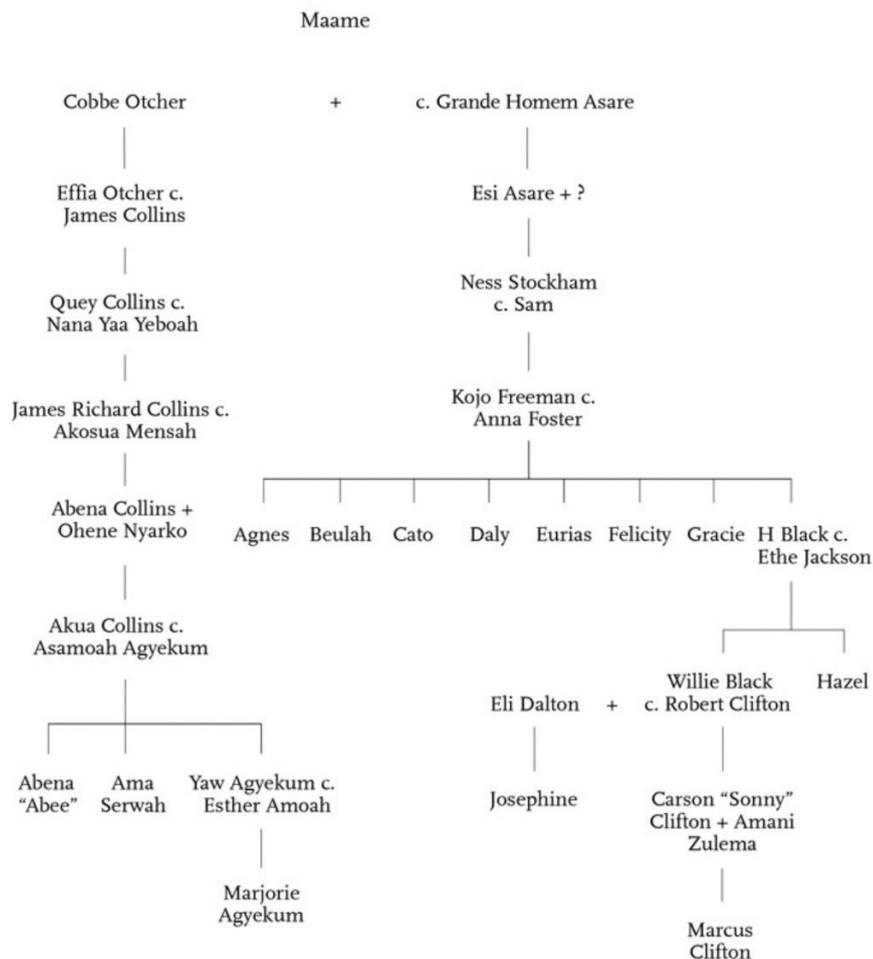
Nosso foco centra-se na materialidade da obra, tendo em vista que no romance *O Caminho de Casa*, há elementos que o caracterizam como uma abordagem histórica que retrata o período de colonização do território africano hoje conhecido como país de Gana, o desenrolar da escravização, o processo de evolução socioeconômica e cultural dos africanos em meados do século XVIII até o fim do século XX, diferentemente de Schwarz, intitulamos esse primeiro nível de leitura, como Saga Familiar.

O livro é organizado em quatorze capítulos, contemplando o desdobramento de sete gerações dessas famílias que seguem caminhos diferentes, mas conectados pela ancestralidade que os liga. A narrativa tem como fio condutor a linhagem de Maame, com foco na saga familiar de Effia e Esi, as duas meias-irmãs que nunca se conheceram e que têm um destino totalmente diferente. Nos debruçamos, nessa dissertação, dada a amplitude da discussão, na história de Effia e seus descendentes.

2.1 Primeiro nível de leitura

O romance *O Caminho de Casa*, conforme já sinalizamos anteriormente, estrutura-se em quatorze capítulos, cada um dedicado a um dos quatorze personagens retratados na obra, ligados entre si pela ancestralidade, conforme pode ser observado na Imagem 1: árvore genealógica. O romance narra a história de sete gerações dos descendentes de Effia e Esi, as filhas de Maame, que sem nunca se conhecerem vivem as adversidades e os efeitos do colonialismo e da escravidão de modos distintos.

Imagem 1: Árvore genealógica



Em cada capítulo do romance é possível perceber as marcas culturais presentes em cada nova história a ser contada, são personagens que dão vida e voz a temas silenciados de sofrimento, lutas e injustiças. Todos estes temas, embora em tempo e espaços diferentes, conectam-se pela árvore genealógica que torna possível que acompanhem o desenrolar da história dessa família ganesa e de suas ramificações.

Embora a narrativa contemple a história dessas duas irmãs e seus descendentes através da construção desta árvore genealógica, optamos por analisar neste trabalho, apenas uma das irmãs, Effia e também seus descendentes.

Estas ramificações têm origem no século XVIII, com Maame, personagem de descendência Ashanti, grupo étnico de Gana que ficou conhecido pela força como um povo de guerra detentor de dialeto próprio: o Twi. Maame acaba se tornando uma prisioneira de guerra e é escravizada pelo povo Fanti, outro povo que tem origem pela ramificação da tribo principal dentro do território ganês, os Akan, que exerciam forte poder e domínio territorial, principalmente na região Sul.

Maame, em busca de liberdade, foge dos Fantis através do fogo, abandonando sua filha recém-nascida, Effia, que acaba sendo criada pela outra esposa de seu pai, a Babba, uma mulher que jamais demonstrou afeto pela menina, muito pelo contrário, impunha-lhe castigos e torturas, causando-lhe sofrimentos físicos e psicológicos. Para se livrar da enteada, Babba convenceu a todos que Effia carregava uma maldição, trazida pelo fogo que castigou a aldeia e favoreceu a fuga de Maame:

Eu te digo, marido, acho que ela foi amaldiçoada pelo fogo naquele incêndio. É um demônio que nunca se tornará mulher. Pense bem. Que criatura é tão bela assim mas não pode ser tocada? Todos os sinais da mulher estão ali e, mesmo assim, nada. O homem branco vai se casar com ela, de qualquer modo. Ele não sabe o que ela é (GYASI, 2017b, p. 22).

Com a astúcia de Babba, Effia acaba sendo levada embora pelo governador inglês James Collins, que fica fascinado pela beleza da menina e resolve pagar uma boa quantia à família para torná-la sua “esposa”, originando, assim, uma das

ramificações da árvore genealógica apresentada no romance que se propõe a abordar os principais descendentes desta união arranjada entre Effia e James: Quey, James, Abena, Kua, Yaw e Marjore.

Na noite em que Effia nasceu, no calor almiscarado da terra dos fantis, um incêndio varria a floresta bem na frente do *compound* de seu pai. O fogo avançava rápido, abrindo caminho por dias a fio. [...] encontrou Effia, a filha do fogo da noite, aos berros, ele olhou para a mulher e disse: “Nunca mais vamos falar sobre o que aconteceu hoje”. (GYASI, 2017, p.14).

O nascimento de Effia e os caminhos por ela seguidos vão nortear a narrativa que, assim como em seu nascimento, é carregada de simbologias e segredos que marcam a vida de seus descendentes através da ancestralidade presente na obra.

Ao se tornar esposa de James, Effia sai da aldeia para viver o outro lado da escravidão, conhecendo novos costumes e deixando os seus esquecidos, condicionando-se a vida de “esposa” ou de qualquer que seja a posição que ela ocupa na vida do homem branco, mas que continua sem voz, aceitando apenas as imposições do governador e de seus costumes.

Segundo Kilomba (2019, p.14), “a língua tem, também, uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”. Sua experiência no castelo é cheia de marcas desta relação de poder através da língua:

Ela ouvia os ingleses chamá-las de “Raparigas”, não de “esposas” era uma palavra reservada às mulheres brancas que moravam no ultramar. “Raparigas” era uma coisa totalmente diferente, uma palavra que os soldados usavam para manter as mãos limpas e se encrencar com seu deus, um ser que ele próprio era feito de três, mas que permitia que os homens desposassem somente uma. (GYASI, 2017b, p. 36).

Effia aprendeu os novos costumes impostos e passou a vivenciar de maneira automatizada a experiência de ser esposa de um homem branco, escravizador que lhe oferece mordomias a alguns custos, um deles é a “obrigação” de lhe dar um filho.

— Quero ter filhos com você — disse James, e Effia se encolheu, preocupada com a possibilidade de não conseguir realizar esse desejo; preocupada, também, com a possibilidade de não vir a ser uma boa mãe, por ter tido uma mãe ruim (GYASI, 2017b, p. 27).

Isso faz com que Effia, e as outras mulheres do castelo, questione sua existência enquanto mulher, pela hipótese, criada pela mentira de Babba, de não ser capaz de conceber um filho:

Effia tinha começado a acreditar que talvez Baaba estivesse certa. Ela tinha perdido a virgindade na noite do casamento, mas meses tinham se passado sem uma gravidez. A maldição podia ter brotado de uma mentira, mas talvez tivesse gerado o fruto da verdade (GYASI, 2017b, p. 27).

Baaba tinha dito que a maldição de Effia estava no fracasso em ser mulher, mas foi Cobbe que profetizara uma linhagem contaminada. Effia não conseguia deixar de pensar que estava lutando contra seu próprio ventre, lutando contra os filhos do fogo.

— Se você não der filhos a esse homem logo, ele vai levar você de volta — disse Adwoa (GYASI, 2017b, p. 28).

Logo Effia percebe que estava grávida e assim pode realizar a vontade de seu esposo. Contudo, junto com a gravidez ela recebe a notícia de que seu pai havia adoecido e, por isso, ela deveria retornar à aldeia para visitá-lo, caso quisesse vê-lo com vida. Depois do casamento, há dois anos dessa notícia, Effia não havia mais retornado, o casamento transformara-se num refúgio. Embora não se sentisse pertencente àquele lugar, ela sabia que em casa também não poderia estar, pois Baaba sempre deixou claro que ela não era bem-vinda. Em seu retorno para visitar seu pai, a personagem entende que é necessário seguir em frente, que ela agora tem um novo lugar de pertencimento ao lado de seu marido e seu filho.

Depois que enxugou as lágrimas, Effia saiu do compound para o sol. Baaba estava sentada no toco de uma árvore derrubada, com os ombros firmes, de mãos dadas com Fiifi, que estava em pé ao seu lado, agora em silêncio total. Effia queria dizer alguma coisa a Baaba, pedir desculpas talvez pelo fardo que seu pai tinha forçado Baaba a carregar todos aqueles anos [por criá-la sendo ela filha de outra]. Mas, antes que pudesse falar, Baaba limpou a garganta e cuspiu diante dos pés de Effia.

— Você não é nada, de lugar nenhum. Sem mãe e agora sem pai. — Ela olhou para a barriga de Effia e sorriu. — O que pode crescer do nada? (GYASI, 2017b, p. 34).

Ao articular o casamento de Effia com James Collins, o governador de Cape Coast, Baaba fez muito mais do que se livrar da menina. A convivência no castelo fez com que Effia conhecesse o outro lado da história, permitindo-lhe conhecer sua própria história, que passa a fazer sentindo após a confissão do seu irmão no leito de

morte de seu pai, que Baaba não era sua verdadeira mãe e que foi obrigada a criá-la depois do desaparecimento de sua mãe legítima, uma escrava de guerra que fugiu correndo em meio ao fogo no dia de seu nascimento:

— Ela não é sua mãe, sabia? Baaba. Nosso pai teve você com uma criada que fugiu correndo para o meio do fogo na noite em que você nasceu. Foi ela quem te deixou a pedra que você usa no pescoço (GYASI, 2017b, p. 34).

Embora as peças desse quebra-cabeças familiar que Effia até então não entendia tivessem se encaixado, pois agora a falta de afeto materno fazia sentido, ela sabia que daquele ponto em diante estava sozinha e que seu caminho começaria a ser traçado de uma outra perspectiva. Gerando um filho em seu ventre, ela dá início a sua geração de descendentes que passam a carregar as inquietações de sua origem e os efeitos da posição que agora ela ocupa, “esposa” de um Governador que faz parte do processo de escravização de seu povo. Cobbe, seu pai, “sempre tinha dito que a união de um homem e uma mulher também era a união de duas famílias. Antepassados, histórias inteiras, vinham com o casamento, mas junto também vinham pecados e maldições” (GYASI, 2017b, p. 28).

O primogênito de Effia, Quey, foi criado no Castelo Cape Coast, onde levou uma infância solitária, sem amigos, “— Fico preocupada por ele não ter amigos — disse Effia um dia a James. — Ele não brinca com as outras crianças do castelo” (GYASI, 2017, p. 61), mas com a presença amorosa e afetiva da mãe, o que de certo modo era visto como uma de suas fraquezas. “Quey só tinha a si mesmo, seus livros, a praia, o castelo e sua mãe” (GYASI, 2017b, p. 61). Até que conhece Cudjo, filho do chefe de uma importante aldeia fanti.

A aldeia de Cudjo foi a primeira onde Quey passou muito tempo, e ele ficou surpreso ao ver como ela era diferente do castelo e de Cape Coast. Lá, não havia nem uma única pessoa branca, nenhum soldado para dizer o que se podia ou não se podia fazer. Embora as crianças soubessem o que era uma surra, elas ainda eram bagunceiras, barulhentas e livres. Cudjo, que tinha onze anos, como Quey, já era o mais velho de dez irmãos, aos quais dava ordens como se eles fossem seu pequeno exército (GYASI, 2017b, p. 63).

Quey vive uma amizade forte e marcante com Cudjo durante sua adolescência, o que motivou seu pai a mandá-lo para Londres, onde estudou e se tornou escriturário, vivendo longe das engrenagens da escravidão, ou pelo menos fingindo que não fazia parte de tudo aquilo “[...] registrando números que ele podia fingir que não representavam pessoas sendo compradas e vendidas” (GYASI, 2017b, p. 57).

Por um longo tempo Quey se acostumou a posição privilegiada que seu pai lhe dera em vida, contudo, após sua morte, o novo Governador o enviou para ser mediador com seu povo, afinal sua mãe era filha de um importante homem da aldeia dos Fantis, que por longos anos tiveram uma boa relação de trabalho com os ingleses. Estando essa relação ameaçada por boatos de possíveis negócios dos Fantis com outras empresas, tornou-se necessária a presença dos ingleses na aldeia, para reforçar as condições estabelecidas entre eles, e ninguém melhor do que Quey para garantir o sucesso desta empreitada.

Embora desconfortável com a ideia, principalmente pelo medo de reencontrar seu velho amigo Cudjo, Quey sabia que não poderia recusar. Ainda que houvesse muitos conflitos envolvendo os Fantis e as demais tribos, Quey sabia que seu papel era o de garantir a soberania dos ingleses e a submissão dos povos africanos. Contudo, o que ele não sabia era que seu tio, Fiifi, tinha planos muito maiores, que envolviam um casamento arranjado a fim de garantir sua proteção em relação aos povos africanos. Assim, Quey casa-se com Naa Yaa, filha mais velha de Osei Bonsu, detentor de maior poder no reino dos Ashantis. A jovem Ashanti foi capturada em uma emboscada de Fiifi e seus homens e presa no porão dos escravos. Depois que Quey a reconheceu, pela marca que trazia em seu rosto, e tendo manifestado sua preocupação. Fiifi revela sua estratégia:

Amanhã à noite, você se casará com Nana Yaa, então, mesmo que o rei dos axântis e todos os seus homens venham bater à minha porta, eles não poderão renegar você. Não poderão matá-lo nem a ninguém desta aldeia, porque ela agora é sua aldeia, como no passado foi da sua mãe (GYASI, 2017b, p. 76).

Nos planos de Fiifi, o casamento de Quey com Nana Yaa selaria a “paz” entre os reinos e garantiria sua proteção e influência com os povos Fantis e Ashantis. “Era

assim que se vivia ali, no mato. Coma ou seja comido. Capture ou seja capturado. Case-se para obter proteção” (GYASI, 2017b, p.76).

Desta união nasceu James, cujo nome já foi motivo de conflito, James Richard Collins, nome totalmente inglês que foi mais um dos motivos de discussão entre seus pais. “— James Richard Collins? — gritava a mãe. — James Richard Collins! Que tipo de akan você acha que é, para dar ao seu filho três nomes de branco?” (GYASI, 2017b, p. 98). James passou grande parte de sua vida, vivenciando discussões entre seus pais, o que evidenciava que a falta de amor e o casamento por conveniência não havia funcionado.

Na ocasião da morte de seu avô, Osei Bonsu, James teve que tomar uma importante decisão para acompanhar sua mãe nas cerimônias póstumas. Osei era o líder do reino dos Ashantis e havia motivos suficientes para acreditarem que existia envolvimento dos ingleses em sua morte. Mas sua mãe, Nana Yaa, precisava se despedir. Durante a viagem, como de costume, James acompanhou cenas de discussão e desentendimento de seus pais, que nem no momento do luto conseguiram se entender. A viagem à aldeia de Kumasi era longa, e havia muito em jogo naquele momento. Quando Nana Yaa chegou foi informada que o enterro já havia sido feito pela necessidade de proteger o povo que estava em guerra e precisava de um novo Rei.

— Lamento, irmã, mas não pudemos esperar tanto tempo para enterrá-lo — disse Kofi, e Nana Yaa assentiu em silêncio. Ela sabia que o corpo seria enterrado antes que eles chegassem, para que o novo rei pudesse assumir o posto. Só tinha querido chegar para as cerimônias póstumas (GYASI, 2017b, p. 102).

James acompanhou sua mãe durante as homenagens póstumas feitas ao Rei Osei, toda família ficou sentada e recebeu o cumprimento de pesar de todos os aldeões e um fato em especial incomodou James, uma garota que se recusou a apertar sua mão:

— Que o velho rei encontre paz na terra dos espíritos — disse a garota, sem estender a mão.
— O que está havendo? — perguntou James.
— Você não aperta a minha mão?
— Com todo o respeito, eu me recuso a apertar a mão de um traficante de escravos — disse ela, encarando-o diretamente enquanto falava. (GYASI, 2017b, p.104).

No dia seguinte James recorre ao seu primo, Kwame, para encontrar Akosua, a garota que lhe havia deixado sem ação. Ao encontrá-la tenta convencê-la de suas boas intenções e após um tempo de conversa a pede em casamento, mesmo sabendo que estava prometido. Lembrando da história de sua avó, James pede a Akosua que quando seu sangue descer ela não conte a ninguém e o espere voltar.

— Quando seu sangue vier, você não deve contar a ninguém. Deve escondê-lo de todos. Vou embora amanhã, mas vou voltar para buscá-la, e nós deixaremos esta cidade juntos. Vamos começar uma vida nova numa pequena aldeia, onde ninguém nos conheça (GYASI, 2017b, p.108).

James sabia de suas obrigações e assim como seu pai compreendeu a importância de um casamento por conveniência, mas conhecer Akosua, faz com que ele repense a vida e busque pelo amor. Contudo, ciente de seus compromissos, James casa-se com Amma para realizar o antigo desejo de seu avô de unir o sangue Fanti e Ashantis, porém a falta de amor e a lembrança da promessa que havia feito a Akosua, o impediu de cumprir seu papel.

James não conseguia explicar para Amma por que não queria dormir na sua cabana. Eles estavam casados havia três meses e as desculpas dele já estavam se esgotando. Na noite da cerimônia, ele alegara estar passando mal. Durante toda a semana seguinte, seu corpo assumiu o comando das desculpas, com o pênis inerte entre as pernas cada vez que ele ia até ela, mesmo nas noites em que ela trançava o cabelo como ele gostava e esfregava óleo de coco nos seios e entre as coxas. Depois daquela semana, ele tinha passado mais duas fingindo estar envergonhado demais para procurá-la, mas logo isso também deixou de surtir efeito (GYASI, 2017b, p.109)

A saída para se libertar desse compromisso e de sua herança de neto do Homem Branco, responsável pela escravização de seu povo foi forjar a própria morte para se libertar dos seus compromissos. A sua experiência enquanto fruto de um casamento arranjado o levou a desistir de tudo o que havia herdado, em especial seu sobrenome e sua família, para viver ao lado de uma simples mocinha da aldeia, a qual despertou em James a essência do amor e a busca pela felicidade. Após forjar sua morte, James viajou rumo à terra dos Ashantis. Depois de uma longa jornada, ele chega à casa de Akosua, e ela estava a sua espera.

Durante o resto daquele mês, James viajou rumo à terra dos axântis. Ele dormia em grutas e se escondia em árvores. Pedia ajuda quando via pessoas

na mata, dizendo-lhes que era um lavrador pobre que tinha se perdido. E quando, no quadragésimo dia de viagem, acabou chegando à casa de Akosua, ele a encontrou à sua espera (GYASI, 2017b, p.119).

Dando continuidade a narrativa, temos a personagem Abena, filha de James e Akosua, criada em uma pequena aldeia. Cheia de personalidade, ela se vê com vinte cinco anos e sem proposta alguma de casamento, isso por conta do histórico de seu pai, que todos conhecem e chamam de Azarado.

ENQUANTO ABENA FAZIA A viagem de volta à sua aldeia, com sementes novas nas mãos, ela ainda mais uma vez pensava na idade que tinha. Nunca se ouvira falar de uma mulher de vinte e cinco anos que não fosse casada, na sua aldeia, em qualquer outra aldeia do continente ou do continente seguinte. Mas só havia alguns homens no lugar, e nenhum deles queria se arriscar com a filha do Azarado. As lavouras do pai de Abena nunca cresciam. Ano após ano, estação após estação, a terra cuspiam plantas doentes ou, às vezes, absolutamente nada. Quem ia saber de onde vinha esse azar? (GYASI, 2017b, p.142).

A única esperança da garota era se tornar a segunda esposa de seu amigo de infância, Ohene Nyarko, mas esse só lhe enchia de promessas. Quando crianças exploravam as curiosidades de seus corpos juntos, o que os levou a se deitarem antes do casamento, mesmo sabendo que seria errado, segundo seus costumes. Ohene era casado e até para ele era difícil pensar em pagar dotes para se casar com a filha de um azarado. “Embora ele nunca se dispusesse a dizer isso, ela sabia o que ele estava pensando: que ela não valia a perda de inhames e vinho que um preço da noiva lhe custaria” (GYASI, 2017b, p.142).

Apesar disso a amizade deles continuou e Abena o convenceu a levá-la para conhecer Kumasi e ver o palácio do rei dos Ashantis. Para ela foi uma surpresa, tudo era novidade, o castelo, as pessoas, as histórias e o Homem Branco que queria falar de cristianismo, que depois ficou sabendo se tratar de missionários, homens totalmente diferentes do que ela já havia visto: “Depois, surgiu um homem branco. Ele era o primeiro homem branco que Abena tinha visto na vida” (GYASI, 2017b, p.149).

Ao retornarem para casa, Ohene e Abena resolvem parar para descansar, e acabam se envolvendo amorosamente. A partir disso começam a viver a vida como amantes, até que Ohene tenha dinheiro para pagar pelo casamento com Abena.

Contudo, as lavouras começam a adoecer, pessoas começam a ir embora da aldeia para procurar novos lugares, os pais de Abena já estão velhos e sem condições para o trabalho, e agora todos da aldeia sofrem durante anos com fraca colheita, o que começa a gerar inquietações sobre o motivo de tudo isso, e ao descobrirem do relacionamento de Abena e Ohene os anciãos resolvem punir Abena para que assim a praga vá embora. Mesmo com a promessa de casamento feita, eles lhe dão 7 anos pelo adultério se a praga nas lavouras perdurar por este tempo ou ela conceber um filho, sua punição será o exílio.

Os anos passaram e Ohene encontra uma nova semente de um fruto que trará prosperidade novamente ao seu povo, antes que completassem os sete anos, a lavoura prosperou e foi permitido que Abena continuasse na aldeia. Porém, o seu casamento teria de esperar, pois para conseguir comprar as sementes, Ohene havia se comprometido com a filha de outro, deixando Abena em segundo plano.

— Para conseguir as plantas de cacau, tive de prometer a um homem em Osu que me casaria com a filha dele. Vou precisar usar toda a mercadoria que sobrar da venda do cacau para pagar o preço da noiva. Não posso me casar com Abena nesta estação. Ela terá de esperar (GYASI, 2017b, p.161).

Esse infortúnio era demais e ela não poderia esperar por mais tempo. Com dor em seu ventre e em seu coração ela resolve partir e procurar seu próprio caminho, mas antes de ir embora seu pai que lhe conta sobre a sua história como mercado de escravos e lhe dá o amuleto da família, a pedra negra de sua avó “— Ele pertencia à minha avó, sua bisavó, Effia. Quem deu para ela foi a própria mãe” (GYASI, 2017b, p.162).

— Meu pai era mercador de escravos, um homem muito rico. Quando decidi deixar a terra dos fantis, foi porque não queria participar do trabalho ao qual minha família tinha se dedicado. Queria trabalhar por mim mesmo. Vejo que as pessoas desse povoado me chamam de Azarado, mas, em todas as estações, eu sinto que tenho a sorte de possuir esta terra, de realizar esse trabalho digno, não o trabalho vergonhoso da minha família. Quando os moradores da aldeia me deram essa pequena área de terra, fiquei tão feliz que enterrei essa pedra aqui em agradecimento (GYASI, 2017b, p.162).

Seguindo a árvore genealógica, fio condutor da obra, a narrativa apresenta a história de Akua, filha de Abena, que após a morte da mãe, foi criada como órfã por

um missionário: “Quando Abena morreu, Akua foi deixada para ser criada pelo missionário. Ele foi o único que se dispôs a aceitá-la” (GYASI, 2017b, p.187). Por longos anos a menina viveu sob a doutrina cristã, sendo castigada todos os dias com chibatadas por ser uma pessoa pecadora e pagã, como sua mãe.

— Você é uma pecadora e uma pagã — disse ele. Akua fez que sim. Os professores já lhes tinham dito isso. — Sua mãe não tinha marido quando veio me procurar aqui, grávida, implorando ajuda. Eu a ajudei porque foi isso o que Deus queria que eu fizesse. Mas ela era uma pecadora e uma pagã, como você.

Mais uma vez, Akua assentiu. O medo começou a se acomodar em algum lugar do seu estômago, fazendo com que ela sentisse náuseas.

[...]

Depois que ele a mandou se levantar e se curvar, depois que lhe deu cinco chibatadas e lhe ordenou que se arrependesse dos pecados e repetisse “Deus abençoe a rainha”, depois que ela teve permissão para sair, depois que ela finalmente vomitou seu medo, a única palavra que lhe ocorreu foi “faminto”. O missionário parecia faminto, como se fosse devorá-la, caso pudesse (GYASI, 2017b, p.190-191).

Certo dia, Asamoah, um mercador que tinha negócios em Kumasi a viu na escola missionária e parou para conversar com ela e isso se tornou recorrente até que ele resolveu pedi-la em casamento, sugerindo que ela fosse morar com ele em Edweso. Embora não fosse um grande pretendente, Akua sabia que era sua oportunidade de uma vida diferente da que tinha imaginado que seria: “Até aquela ocasião, ela achava que teria de permanecer com o missionário para sempre, participando daquele jogo estranho de aluna/professor, pagã/salvador” (GYASI, 2017b, p.192).

Ao sair da escola missionária é mais uma vez repreendida pelo missionário, o homem branco que a acusa de ser uma pecadora e uma pagã, e recebe uma última chibatada ao dar as costas aquele homem.

— Eu proíbo — disse o missionário, quando ela lhe contou.

— O senhor não tem como proibir — disse Akua. Agora que dispunha de um plano, de uma esperança de sair daquela situação, ela se sentia fortalecida.

— Você... você é uma pecadora — murmurou o missionário, com a cabeça escondida nas mãos. — É uma pagã — disse ele, com a voz mais alta. — Deve pedir a Deus perdão pelos seus pecados.

Akua não respondeu. Por quase dez anos, ela saciara a fome do missionário. Agora queria saciar a sua própria.

— Peça a Deus que perdoe os seus pecados! — gritou o missionário, lançando a chibata contra ela.

A chibata atingiu Akua no ombro esquerdo. Akua ficou olhando a chibata cair ao chão e, então, calmamente, saiu dali. Às suas costas, ela ouviu o que o missionário dizia.

— Ele não é um homem de Deus. Não é um homem de Deus (GYASI, 2017b, p. 192).

Com Asamoah, Akua tem duas filhas e passa a viver uma vida tranquila junto com a sogra e a comunidade. Contudo, um pesadelo com a mulher-fogo começa perturbá-la.

Akua não conseguia se lembrar da primeira vez que tinha visto fogo, mas se lembrava da primeira vez que sonhara com fogo. Foi em 1895, dezesseis anos depois que sua mãe, Abena, a levava no ventre crescido até os missionários em Kumasi, quinze anos depois Abena morreria. Naquela época, o fogo no sonho de Akua não era mais do que um breve lampejo ocre. Agora, a mulher-fogo ardia furiosamente (GYASI, 2017b, p. 184).

E tudo se torna mais difícil quando a guerra chega e Asamoah é convocado a lutar por seu povo, deixando Akua com a sogra e as filhas. Na primeira noite, os pesadelos atormentam sua cabeça, os gritos com a mulher-fogo entoam em torno da casa, a mãe de Asamoah manda isolar Akua, alegando que ela está doente, os dias passam e a tortura aumenta, a realidade e o sonho estão destorcidos para ela, o sofrimento faz com que ela procure o missionário, que revela o verdadeiro motivo pelo qual ela é órfã, que sua mãe havia sido assassinada “acidentalmente” quando não aceitou o batismo, isso a deixou mais abalada e se não bastasse tudo que estava acontecendo, Asamoah retorna para casa da guerra aleijado de uma perna.

Quando chega em casa, se depara com a situação da mulher, ele busca uma explicação, sua mãe continua alegando que sua esposa está doente e tenta justificar o fato de ter afastado as meninas dela, mas ele não concorda e promove o reencontro das crianças com a mãe. Passado um tempo, ambos se acostumam com a nova condição de Asamoah, que impõe à mulher sua condição de homem, mesmo sendo aleijado fazendo nela mais um filho, o que a levou a acreditar que agora ficaria tudo bem, que os pesadelos acabariam.

Depois do nascimento de seu filho, por longos meses, ela viveu tranquila ao lado de seu marido e seus filhos, mas numa noite em que sonhava com o mar que

conheceu quando criança, ela encontra a mulher-fogo novamente, que agora não estava mais zangada:

Dessa vez, a mulher-fogo não estava zangada. Ela acenou para Akua, chamando-a para o mar, e Akua, apesar de sentir medo, deu o primeiro passo. E queimou os pés. Quando levantou um pé, pôde sentir o cheiro da própria carne, vindo lá de baixo. Mesmo assim, ela avançou, acompanhando a mulher-fogo até ser levada a um lugar que parecia ser a própria cabana de Akua. Agora, nos braços da mulher-fogo, estavam as duas crianças do fogo que a mulher segurava na primeira vez em que Akua sonhara com ela. Elas estavam presas a cada braço, com a cabeça pousada em cada seio. (GYASI, 2017b, p. 204)

Akua é presa pelos outros aldeões que desejam sua morte, mas só Asamoah sabia que para Akua era apenas um sonho, ela não sabia que suas filhas haviam queimado até a morte e que o bebezinho Yam sobrevivera, mas estava com várias queimaduras. O marido, então, suplica pela sua salvação, para que ela possa ajudá-lo a criar seu filho, o único sobrevivente dessa tragédia a tempo anunciada pela mulher-fogo.

Yam sobreviveu, mas desde pequeno foi afastado de seus pais para estudar, como forma de punição. Seu pai faleceu antes que ele pudesse concluir os estudos. Na escola, conheceu Edward, em suas férias e folgas ele passava junto dele e de seus familiares. Yam os amava como se realmente pertencesse à família.

Depois de adultos Yam e Edward tornam-se professores na mesma escola católica romana de Takoradi, Yam lecionava história ao primeiro ano do ensino médio, com isso ele tentava mostrar aos jovens que a História pode ser contada de várias formas, e que sempre é preciso levantar o questionamento a respeito de qual história não está sendo contada. Em seu primeiro dia de aula sempre estigava seus alunos a respeito de sua história, das suas cicatrizes. Existiam muitas lendas a respeito delas, mas nem mesmo ele sabia a sua verdadeira história.

Acostumado com a vida sozinho, aos cinquenta e cinco anos se vê obrigado a contratar uma criada, Esther, para ajudá-lo nas tarefas de casa e lhe fazer comida. A moça chega intimidada pelo título de professor de Yam e pela língua inglesa falada por ele, mas a familiaridade com a língua nativa o Tiw, faz com que a relação entre eles seja mais amistosa, chegando ao ponto de se tornar um romance, embora mesmo depois de cinco anos, ele não fosse capaz de admitir. A influência da criada é tanta

que ela o convence a visitar sua mãe, mostrando-lhe que o perdão é algo necessário. Assim ela o acompanha durante os duzentos e seis quilômetros até chegarem à casa de Akua.

Ele sabia que não seria fácil, fazia tantos anos que não a via, que não podia nem imaginar como seria esse encontro ou se ao menos sua mãe o reconheceria. Quando chegaram na Cabana de Akua, a “Mulher Maluca”, logo a criada anuncia que o filho havia retornado. Ele sabia que sua mãe estaria velha, mas não esperava vê-la tão bem, forte e ágil. Ela o abraçou e segurou suas mãos, fazendo com que ele sentisse suas cicatrizes, que naquele momento pareciam macias. Mesmo perplexo e após chorar muito, ele pede a sua mãe que lhe conte a história de sua cicatriz, a sua história.

— Me conta a história de como fiquei com essa cicatriz — disse ele. Ela deu um suspiro.

— Como vou poder lhe contar a história da sua cicatriz sem primeiro lhe contar a história dos meus sonhos? E como vou falar dos meus sonhos sem falar da minha família? Da nossa família? (GYASI, 2017b, p. 249-250)

Ela o explicou que tudo isso começou muito antes do seu próprio nascimento, e que mesmo antes dela seus ancestrais haviam cometido erros que custariam o sofrimento dos seus próximos. Em seu relato ao filho, a mulher-fogo era uma de duas ancestrais que vinha lhe contar toda a sua história. Ela lhe mostrou um colar de pedra, que pertencia a sua tataravó, e que estava passando de geração por geração. Ela, mais uma vez, pede perdão ao filho por todo o mal que lhe causou, fazendo com que ele tenha mais uma vez a certeza de que:

Não temos como saber com certeza aquilo que aconteceu quando não estávamos lá para ver, ouvir e vivenciar por nós mesmos. Precisamos confiar nas palavras dos outros. Os que estavam presentes nos tempos de antigamente contavam histórias para os filhos, para que os filhos soubessem, para que os filhos pudessem contar histórias para os filhos deles. E assim por diante. Mas agora chegamos ao problema de relatos conflitantes. Kojo Nyarko diz que, quando os guerreiros chegaram à sua aldeia, suas túnicas eram vermelhas, mas Kwame Adu diz que eram azuis. Então, em que história vamos acreditar? (GYASI, 2017b, p. 235)

Fechando a linhagem de Effia, a Bela, aquela que dá origem às relações entre Gana e Inglaterra a partir de seu casamento com James, temos Marjorie, que busca preservar sua história. Filha de Yam e Esther, Marjorie morou sempre nos Estados Unidos, mas em suas férias sempre passava com sua avó, que agora não era mais conhecida como Mulher Maluca e sim como a Mulher Velha, num bangalô espaçoso e arejado na praia, muito maior que o pequeno apartamento de seus pais em Hunstsville. Nesse lugar, por muito tempo, Marjorie escutou histórias e aprendeu sobre sua origem e seus ancestrais. A Velha tinha muito o que ensinar e acreditava que quanto mais ela conhecesse a sua história menos erros cometeria com as próximas gerações. Marjorie se encantava com as histórias contadas pela avó que sempre a lembrava da importância de voltar para casa e, principalmente, de que ela tinha um lugar para voltar. No dia de seu nascimento, a Velha fez um pedido a seus pais, que lhe enviassem o cordão da menina para que ela pudesse jogar no mar, e assim garantir que Marjorie sempre teria para onde voltar.

No dia do seu nascimento, há treze anos, lá do outro lado do Atlântico, seus pais tinham enviado pelo correio, para a Velha, seu cordão umbilical, para que ela pudesse jogá-lo ao mar. Esse tinha sido o único pedido da Velha: se seu filho e nora, os dois já velhos quando decidiram se casar e se mudar para os Estados Unidos, algum dia tivessem um filho, que mandassem alguma coisa dessa criança de volta para Gana (GYASI, 2017b, p. 277).

Ela começa a estudar em uma nova escola em que a quantidade de negros era a maior que ela já havia visto, porém alguns acontecimentos lhe fizeram refletir sobre que tipo de negro eles eram, a qual lugar ela pertencia. Típico de adolescentes, ela começa a sofrer com a interferência das alunas tidas como as populares, que a julgavam pelo fato de sua língua ter influência dos ingleses, afinal está no seu sangue, mas isso, para Marjorie, não a tornava menos negra, mas não era isso que as pessoas do colégio que lhe chamavam de Branca, Branca, Branca, pensavam.

Marjorie sofre uma perda irreparável, a velha senhora, não consegue cumprir sua última promessa: “— Promete que não vai embora enquanto eu não chegar aí pra te ver — disse Marjorie. Atrás dela, Yaw pôs a mão no seu ombro. — Prometo que nunca vou te deixar — respondeu a Velha” (GYASI, 2017b, p. 286), ela morre durante o sono, do qual no passado ela tinha medo. Embora abalada, acompanha os pais para

realizar o último desejo da avó: de ser enterrada em uma montanha com a vista para o mar. Assim Marjorie sabe que a avó está em casa.

Paralelamente, à saga dos descendentes de Effia, temos a história da outra filha de Maame oriunda de seu outro casamento, Esi, que é capturada e escravizada. Assim como Effia, Esi tem a sua história e a de seus descendentes retratada no romance, que escancara as atrocidades que aconteceram nos navios negreiros, e a dificuldade de sobrevivência dos escravizados, tanto nos navios como nas plantações e minas de carvão.

A descendência de Esi é concebida nos Estados Unidos e, por meio de seus descendentes, Ness, Kojo, H, Willie, Sonny e Marcus, temos uma visão da vida dos negros no Alabama, o sofrimento nas minas de carvão, a Guerra Civil, até a migração do Sul para o bairro do Harlem, em Nova York, em busca de uma condição melhor de vida. Em seus descendentes passamos por vários acontecimentos importantes que estão diretamente ligados à formação dos Estados Unidos: **Plantation** (Fazendas de algodão), minas de carvão, guerra civil, migrar para o norte em busca de melhores condições de vida, surgimento do Jazz, ativismo negro, luta pelo fim da segregação, esses acontecimentos mostram como se construí historicamente esse País.

Conforme sinalizamos no início desse capítulo, considerando a amplitude da discussão, nos debruçamos sobre a história de Effia e seus descendentes que como foi visto, são histórias que se entrelaçam através de acontecimentos históricos que carregam consigo marcas de ancestralidade.

Inquietos com questionamentos que o texto nos leva a fazer, partimos para uma segundo nível de leitura que se faz necessário após segundo Schwarz, não ser possível desvendar todas as “armadilhas” do textos, com uma leitura de superfície, portando buscamos compreender como as armadilhas e os elementos socio-históricos se relacionam na obra e sua importância para compreensão e para o amadurecimento de uma reflexão crítica sobre o texto, para tanto intitulamos o segundo nível de leitura como “Marcas Históricas da Escravização”.

CAPÍTULO III

MARCAS HISTÓRICAS DA ESCRAVIZAÇÃO

O *Caminho de Casa*, contém elementos que o caracterizam como uma abordagem histórica, nesse capítulo, apresentamos o segundo nível de leitura e, para isso, selecionamos alguns personagens que nos auxiliam na compreensão desses elementos, ligados com a história de África e de seu povo. Elementos que retratam o período de colonização do território africano hoje conhecido como país de Gana, o desenrolar da escravização, o processo de evolução socioeconômica e cultural dos africanos em meados do século XVIII até o fim do século XX.

Em cada capítulo é possível perceber as marcas culturais presentes em cada nova história a ser contada, são personagens que dão vida e voz a temas silenciados de sofrimento, lutas e injustiças, todos estes embora em tempo e espaços diferentes conectam-se pela árvore genealógica que torna possível que acompanhem o desenrolar da história dessa família ganesa e de suas ramificações.

Estas ramificações têm origem com Maame no século XVIII, de descendência Ashanti, grupo étnico de Gana que ficou conhecido pela força como um povo de guerra detentor de dialeto próprio o Twi. Os Ashanti foram personagens importantes na história dos povos africanos. Maame acaba se tornando uma prisioneira de guerra e é escravizada pelo povo Fanti, outro povo que tem origem pela ramificação da tribo principal dentro do território ganês, os Akan, que exerciam forte poder e domínio territorial, principalmente na região Sul.

3.1 Segundo nível de leitura

O *caminho de casa* é uma narrativa que tem como berço o estado pré-colonial da África Ocidental, a história e os conflitos dos grupos étnicos Fanti e Ashanti, situados no que hoje é a região de Gana.

O atual território conhecido como Gana encontra-se localizado na costa Ocidental da África, tendo como fronteira a Costa do Marfim, Burkina Faso e Togo. Possui uma área territorial total de 238.540 km², onde habitam aproximadamente 25.545.939 pessoas. Historicamente esse território foi dominado pelos portugueses durante o século XVI e serviu como mão de obra escrava para as terras portuguesas.

Em 1482, quando os portugueses chegaram ao atual território de Gana, já existiam muitos grupos étnicos que habitavam aquela região. A riqueza das minas de ouro fez com que o local ficasse conhecido como a Costa do Ouro.

No século XVII, houve grande movimento de comercialização de escravizados africanos e também de ouro. Dentre esses grupos, o maior deles, os Ashantis, se estabeleceram na região sul onde criaram seu próprio reino, o Império Ashanti, responsáveis por fornecer escravizados aos comerciantes europeus. Uma parceria comercial que lhes garantiu, por um bom tempo, relações amistosas com o colonizador.

Contudo, no século XIX, o Reino Unido foi que dominou esta região, exercendo sobre ela o seu controle até a sua independência no ano de 1957, quando foram incorporadas as antigas províncias da Costa do Ouro e de Togolândia, para dar surgimento à atual Gana.

Já em 1874, os Ashantis, tribo predominante na região, foram derrotados pelos britânicos que transformaram a Costa do Ouro, conhecido hoje por país de Gana em colônia. Em 1949, liderados por Kwame Nkrumah, tem início o movimento de independência de Gana, mas é apenas em 1957 que ela se torna a primeira colônia africana a conseguir o feito de se tornar independente da Grã-Bretanha.

Somente em 1960 que o país se torna uma república, tendo como primeiro presidente o próprio Nkrumah, que não consegue se manter no poder por muito tempo. Com a decadência da economia em 1966 o exército e a polícia assumem o controle de Gana. Entre os anos de 1966 e 1992 o país oscilou entre os regimes militares e democráticos e somente em 1992 Gana passa a ter uma democracia, com vários partidos políticos.

Na época, os escravizados africanos eram considerados como uma mercadoria importante e valiosa. Com investidores e compradores, principalmente nas Américas, o comércio de escravizados era a principal atividade mercantil na Costa do Ouro. Isso

fez com que surgisse a necessidade de adaptações estruturais para garantir os bons negócios. O Castelo de Cape Coast que foi construído em um lugar estratégico dentro da costa, recebeu a adição de grandes calabouços que chegavam a armazenar mil escravizados enquanto aguardavam para a exportação.

No castelo, os calabouços representavam terror, morte e escuridão. Um paradoxo com relação ao luxo dos aposentos superiores do castelo, onde viviam os Governadores como James e Effia, agora que se tornou sua “esposa”, mas que não imaginava o que significava viver no castelo, e muito menos que pessoas eram aprisionadas embaixo de seus aposentos e não eram pessoas ruins, criminosas, mas o seu povo, ao menos uma parte dele:

Ela se perguntava qual seria o valor de uma ave daquelas, porque no castelo todos os bichos eram avaliados. Ela tinha visto James olhar para uma poupa trazida por um dos mercadores axântis e declarar que ela valia quatro libras. E o bicho humano? Quanto ele valeria? É claro que Effia sabia que havia gente nos calabouços. Gente que falava um dialeto diferente do dela, gente que tinha sido capturada em guerras tribais, até mesmo gente que tinha sido sequestrada, mas ela nunca tinha pensado em para onde essas pessoas iam a partir dali. Nunca tinha lhe ocorrido o que James devia pensar cada vez que via essas pessoas. Se ele entrava nos calabouços e via mulheres que faziam com que se lembrasse dela, que se pareciam com ela e tinham o cheiro como o dela. Se ele voltava para ela atormentado pelo que via por lá. (GYASI, 2017b, p. 45).

Não importava quais eram seus questionamentos, James sempre desconversava e Effia compreendeu que era algo muito maior do que ela podia imaginar, sua aldeia havia prosperado, seu casamento havia proporcionado acordos que iriam além de assuntos conjugais. Seu pai tinha tornado a aldeia próspera, eles ficariam conhecidos para sempre como um dos principais mercados de escravizados de toda a Costa do Ouro.

Historicamente, não houve relatos de que em outro lugar da África Ocidental, perdurasse por tanto tempo a luta entre os africanos e os europeus como entre os Ashanti e os britânicos como na Costa do Ouro. O início dos conflitos aconteceram por volta de 1760 e atingiu o ponto mais alto em 1824 com o choque militar. Aproximadamente dois anos mais tarde. Na ocasião os Ashantis venceram as forças britânicas e assassinaram o seu comandante, Sir Charles, o então governador da Costa do Ouro.

Em *História Geral da África, VII: África sob a dominação colonial, 1880-1935*, publicada pelo Unesco em 2010, Gueye e Boachen, no capítulo intitulado “Iniciativas e resistência africanas na África ocidental, 1880-1914”, afirmam que o fenômeno da colonização da África ocidental se traduziu para os africanos “essencialmente na perda da sua soberania, de sua independência e de suas terras” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 129). Esse longo processo, que perdurou por 34 anos, desenrolou-se, de acordo com os autores, em duas fases: “A primeira vai de 1880 aos primeiros anos do século XX, a segunda até a irrupção da Primeira Guerra Mundial, em 1914” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 129), adotando estratégias variadas, seja diplomática ou militar, sendo a conquista militar adotada com maior exclusividade.

A conquista e a ocupação europeias na África ocidental alcançaram o apogeu no período 1880-1900. Jamais o Continente havia conhecido tantas intervenções militares, tantas invasões e campanhas organizadas contra Estados e sociedades da África (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 130).

Com o objetivo de preservar a independência e a cultura, conforme destacam os autores, os africanos lançavam mão de três táticas: “o confronto, a aliança ou a aceitação e a submissão” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 130). “O confronto implicava a guerra aberta, cercos, operações de guerrilha e a política de terra queimada, assim como o recurso à diplomacia” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 130). Ainda assim, o enfrentamento, o confronto, embora mais violento, foi a estratégia de resistência adotada pela maioria dos africanos.

A conquista da África ocidental inglesa, território ao qual pertence o país Ashanti, os britânicos empregaram a força, provocando nos africanos reações de resistência à ocupação, “optando por uma política de confronto, de aliança, de submissão ou pela combinação das diferentes opções” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 147).

Os conflitos entre os Ashanti e os britânicos na Costa do Ouro surgiram, de acordo com Gueyen e Boachen (2010, p. 147), “por volta de 1760 e culminaram em choque militar em 1824”, momento em que os Ashanti enfrentaram as forças militares britânicas e eliminaram o comandante, sir Charles MacCarthy, então governador da Costa do Ouro. (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 147). Esse ato de resistência resultou

na batalha de Dodowa (1826), durante a Primeira Guerra Anglo-Ashanti (1823-1831), e representou o início do declínio do poder Ashanti.

Segundo a narrativa de Gueyen e Boachen (2010), a luta entre os britânicos e os Ashanti foi longa; e quando o exército africano lançava um ataque, o governo britânico, equipado com armas, rebatia com força e os Ashanti acabavam por recuar. Até que, em 1874, foram derrotados, resultando na desintegração do império.

Pelo tratado de Fomena, os Ashanti reconheciam a independência de todos os Estados vassalos localizados ao sul do Pra. Aproveitando a debilitação do poderio militar dos Ashanti, os Estados vassalos do norte do Volta também se separaram. Até o que ainda restava do império começava agora a esboroar (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 148).

Com vistas a impedir a restauração do império, segundo os autores, alguns dos Estados membros da União Ashanti foram incitados pelos britânicos a proclamar a sua independência, desafiando o asantehene, monarca do povo Ashanti. Essa ação resultou numa guerra civil e na derrota de Kumasi, capital do Império, ocasionando “a emigração em massa da população para o protetorado e a colônia da Costa do Ouro, que os britânicos acabavam de constituir” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 148) e, ainda, a destituição do asantehene. Somente em 1888 é que Prempeh I conseguiu impor-se como novo asantehene, após nova guerra civil.

O reinado de Prempeh, conforme os autores, possibilitou o renascimento dos Ashanti. “Alarmados por sua vez com o renascimento dos Ashanti e a concorrência francesa e alemã na região, os britânicos propuseram a eles que se colocassem sob o seu protetorado” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 148). Prempeh recusou a oferta e como consequência dessa rejeição, “os britânicos reagiram propondo a instalação de um residente em Kumasi, em troca do pagamento de uma renda anual ao asantehene e aos principais reis dele dependentes” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 148). Com o desejo de resolver esse impasse, Prempeh enviou uma missão à rainha da Inglaterra, cujo objetivo era expor os diversos problemas que vinha enfrentando. Segundo Gueyen e Boachen (2010, p. 148), a missão, que chegou a “Cape Coast em 10 de dezembro e partiu para a Inglaterra em 3 de abril de 1895” não foi recebida pelas autoridades britânicas.

[...] e, antes mesmo da sua partida, instruíram o governador da costa a intimar o asantehene a que aceitasse um residente e pagasse a indenização de guerra de 50 mil onças de ouro imposta aos ashanti em 1874. naturalmente, o asantehene recusou dobrar-se ao ultimato, mesmo porque ainda não sabia dos resultados da missão enviada a Londres (Gueyen; Boachen, 2010, p. 148-149).

A recusa de Prempeh fez com que os britânicos reagissem: organizaram uma expedição contra os Ashanti e tomaram Kumasi, em 1886, “sem disparar um único tiro, já que Prempeh e seus conselheiros tinham resolvido não entrar em luta com os britânicos e aceitar o seu protetorado” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 149). O asantehene, seus familiares e “alguns chefes militares, não obstante, foram detidos e deportados, primeiro para Serra Leoa e depois para as Seychelles” (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 149).

Não houve oposição aos britânicos, pois, segundo as palavras de Prempeh:

Depois deste favor que as autoridades britânicas me fizeram, não me decido a combater as suas tropas, mesmo que me torne prisioneiro delas. Além disso, prefiro me render, se for esse o preço da vida e da tranquilidade do meu povo e dos meus compatriotas (GUEYEN; BOACHEN, 2010, p. 149).

Para Gueyen e Boachen (2010, p. 149), a decisão de Prempeh “se revelaria a mais realista, a mais sensata e a mais digna”.

Ao longo da narrativa, inúmeros acontecimentos são representados em volta dessas guerras que assim como as questões de ancestralidade também são responsáveis pelo destino dos descendentes de Effia que ficam e vivenciam essas batalhas, Quey o primeiro dos herdeiros se vê obrigado a deixar o conforto de seu escritório para viver na mata, onde exerce o papel de soberano, como representante dos britânicos, a fim de garantir que os negócios mercantis continuem sem interferência prevalecendo a supremacia britânica.

James filho de Quey é outro personagem que tem seu destino definido pela guerra, um dos mais importantes e marcantes acontecimentos da narrativa, que é a ruptura de James com os ingleses, ele abre mão de tudo que lhe causava desconforto, por anos carregou as marcas de ser neto de um traficante de escravizados, e isso fez com que James questionasse seus próprios ideais, durante um longo tempo foi criado acreditando estar seguindo seu destino, e o seu casamento foi prova disso, quando

aceitou viver ao lado de uma mulher para favorecer as questões comerciais e também selar a paz entre as tribos. Porém ele percebe que é possível se desvincular desse destino e ao ir para guerra forja sua própria morte, o que para ele se torna a liberdade, para o povo Ashanti é mais uma condenação, pois agora eles eram responsáveis pela morte do neto do Grande Homem Branco, James Collins.

A narrativa ainda contempla a participação da personagem Akua nos acontecimentos de guerra, ela vivencia após anos vivendo junto aos missionários a partida de seu esposo para guerra, que se torna insustentável após a afronta do povo britânico que tenta após o exílio do Rei Prempeh tomar o trono de ouro dos Ashantis.

— O governador britânico, Frederick Hodgson, esteve em Kumasi hoje. Ele disse que não vão permitir que o rei Prempeh I volte do exílio. Akua sugou o ar por entre os dentes. Era isso o que todos eles vinham temendo.

— É pior que isso — continuou a sogra. — Ele disse que devemos lhe dar o Tamborete Dourado para ele poder sentar-se nele ou dá-lo de presente à sua rainha (GYASI, 2017, p. 276).

A população ficou enfurecida com a audácia do governador que tentou reivindicar, o Trono de Ouro. A lenda Ashanti diz que o Trono de Ouro desceu do céu e é o guardião do espírito desse povo. É, portanto, um objeto sagrado que representa poder e união. Com o rei exilado, a rainha Yaa Asantewaa decidiu, então, agir em defesa de seu povo. Ao perceber que os homens do reino estavam apáticos, ela anunciou que convocaria as mulheres para lutar pelo Trono de Ouro. “Foi Yaa Asantewaa, a própria rainha-mãe de Edweso, quem se levantou e exigiu que lutassem, dizendo que, se os homens não quisessem lutar, as mulheres lutariam.” (GYASI, 2017, p. 280).

A guerra pelo Trono de Ouro teve fim em setembro, as perdas dos Ashantis aos arredores foram devastadora e, com isso, veio também a seca que castigou as plantações. A devastação das guerras retrata mais uma marca desse processo de colonização.

CAPÍTULO IV

“HOMEGOING” - O CAMINHO DE CASA – REENCONTRO COM A ANCESTRALIDADE

“O título faz referência a uma antiga crença afro-americana de que a morte permitiu que o espírito de uma pessoa escravizada viajasse de volta à África – está enraizada, como a Bíblia, no pecado original”.
Laura Miller

Nesse terceiro nível de leitura, não podemos fechar os olhos para as denúncias apresentadas na narrativa, as marcas da escravização estão presentes em todos os personagens retratados na obra, da primeira à última geração dos que saíram e dos que ficaram em África, foi um processo devastador que deixou marcas que são visíveis até os dias atuais.

Esse terceiro nível leitura intitulamos, “O Reencontro com a ancestralidade”, nele buscamos desvendar os não ditos da narrativa, o qual é apresentado por Schwarz, como uma leitura conta corrente, na qual é possível chegar ao ápice da obra e da sua significação, considerando as relações e contexto histórico como parte integrante da obra, para um leitor comum, o Caminho de Casa de Yaa Gyasi, pode representar apenas uma narrativas de acontecimentos distintos de duas famílias de origem africana, contudo ao chegarmos neste nível de leitura proposto por Schwarz, desvendamos as armadilhas apresentadas na narrativa, e nos conectamos a história de milhares de africanos que buscam o caminho de casa.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p.32).

Chegamos ao fim desta análise, com a reconstrução da história despedaçada de um povo, Marjorie, a última da linhagem de Effia, conhece sua história e sabe do

seu compromisso com seus ancestrais, carrega consigo a pedra negra, que foi repassada geração, após geração.

— Você está usando a pedra? — perguntou a avó. Instintivamente, Marjorie ergueu a mão até o colar que seu pai lhe dera só um ano antes, dizendo que finalmente ela estava com idade suficiente para cuidar dele. Ele tinha pertencido à Velha e a Abena antes dela, a James, a Quey e a Effia, a Bela, anteriormente. Tudo tinha começado com Maame, a mulher que ateou um enorme incêndio. (GYASI, 2017b, p. 396).

Ao nos debruçarmos profundamente ao texto e aos elementos externos que dialogam com a narrativa, percebemos as relações estabelecidas com a história de cada personagem e o legado de seus antepassados.

— Nossa família começou aqui, em Cape Coast — disse a Velha. Ela apontou para o Castelo de Cape Coast. — Nos meus sonhos, eu não parava de ver esse castelo, mas não sabia por quê. Um dia, vim a essas águas e pude sentir os espíritos dos nossos ancestrais me chamando. Alguns estavam livres e suas vozes falavam comigo saindo da areia, mas outros estavam presos bem fundo nas águas; então, precisei entrar pelo mar para ouvir suas vozes. Andei tanto que a água quase me carregou ao encontro desses espíritos que estavam presos tão fundo no mar que nunca se libertariam. Quando estavam vivos, eles não sabiam de onde tinham vindo, e assim, mortos, não sabiam como chegar à terra firme. Eu pus você dentro da água* para que, se um dia seu espírito se perdesse, você ainda soubesse onde era seu chão. (GYASI, 2017, p. 396)

Nota: No dia do seu nascimento, há treze anos, lá do outro lado do Atlântico, seus pais tinham enviado pelo correio, para a Velha, seu cordão umbilical, para que ela pudesse jogá-lo ao mar. (GYASI, 2017, p.396).

Foi através do mar que a maior das barbaridades da humanidade se tornou possível, o tráfico de escravizados devastou civilizações de africanos e de seus descendentes. O encontro com seus antepassados e o retorno para casa dos personagens da narrativa analisados até aqui, acontece no mar, e não é à toa, o mar simboliza, a saída de um povo forçado a deixar seu país, e muitos deles se quer chegaram ao outro lado do oceano.

Fabio Leite, 2008 em sua pesquisa busca pontuar relações importantes para nortear os estudos relacionados a ancestralidade, partindo de investigações culturais com povos africanos, ele “define” a ancestralidade a partir de duas massas, que tem influências místicas e históricas:

[...] como essas duas massas ancestrais [uma de essência mítica e outra de essência histórica] encontram-se em relação dialética constante, uma

não se legitima em sua configuração originária sem a outra, sob pena de perda de identidade mais decisiva, a síntese produzida pela interação entre os dois universos é o fator que revela a dimensão ancestral desses complexos civilizatórios. Essa síntese, tomada em sua concretude histórica, dinâmica e pluralidade de ações possíveis, constitui a ancestralidade (LEITE, 2008, p. 379).

Ainda em seus estudos LEITE, enfatiza a importância de reconhecermos que a constituição do povo africano se dá a partir de elementos que fogem a racionalidade e que transcendem a espiritualidade, em o caminha de casa Akua se encarrega de apresentar essas características que comprovam a ligação espiritual do povo africano, e sua influência na complexa proposição da existência, que coloca a morte dentro da vida, constituindo um princípio histórico material e concreto capaz de moldar a identidade de um povo.

— O que eu te disse sobre a morte? — disse a Velha, num tom áspero, ao telefone, com a voz parecendo mais forte do que no início da conversa. Marjorie dava puxões no fio. A Velha disse que só os corpos morriam. Os espíritos perambulavam. Eles encontravam Asamando, ou não encontravam. Eles permaneciam com seus descendentes para poder guiá-los pela vida afora, para confortá-los, às vezes para assustá-los, fazendo com que despertassem do nevoeiro do desamor, da negação da vida. (GYASI, 2017b, p. 414)

A única promessa que a Velha, Akua, a Mulher Maluca de Edweso, não cumpriu foi a última que tinha feito. Ela morreu durante o sono, do qual, no passado, sentia medo. Sua vontade era ser enterrada numa montanha com vista para o mar. (GYASI, 2017b, p.417)

Akua, a mulher maluca, a Velha, ao ser enterrada na montanha com vista para o mar, permanece unida a seus ancestrais, e ali ela espera o retorno de todos aqueles, que partiram sem saber seus destino, mas que um dia retornariam para casa, reconectando-se com seus ancestrais, e lá estará Akua, como um farol para guiar o caminho de casa do povo africano

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância de dar voz a temas silenciados, este trabalho propõe-se a fazer leituras dialéticas afim de analisar os reflexos da escravização presentes na obra “O Caminho de Casa” da escritora ganesa Yaa Gyasi, que se debruça em feridas abertas da escravidão. Nos permitindo assim, refletir acerca da história retratada que perpassa por sete gerações de um povo que sobreviveu ao processo de escravização.

A partir de nossos estudos, acreditamos que, ao realizar a leitura em níveis da obra O caminho de casa, conseguimos alcançar nosso objetivo de desvendar os não ditos da obra, presentes nas entrelinhas da narrativa, que criam uma teia de significação. Nesta leitura, mais do que falar de duas irmãs, Gyasi busca trazer conforto a um povo que teve sua história roubada pelos colonizadores e que aos poucos à retoma se reencontrando, entendo também a relação dos traumas que fazem parta da sua história e que os seguem ao longo das gerações

Eu acho que vemos repetidamente como algumas formas de trauma são cíclicas. Nós já sabemos que crianças que sofrem abuso ou testemunham casos de violência doméstica têm mais propensão a repetir esse comportamento quando adultas. Repito: as pessoas podem escapar desses padrões, mas acho que podemos herdar marcas, tanto invisíveis quanto visíveis, físicas. (GYASI, 2017a).

Desta forma ao abordamos a narrativa a partir da modelo interpretativo proposto por Schwarz, construímos uma interpretação ao desvendar as armadilhas existentes na obra, que articulam aspectos sociais, psicológicos e simbólicos presentes na obra a partir de seus personagens que representam histórias distintas mas que se encontram no decorrer da narrativa.

Diante disso, dividimos este trabalho em quatro capítulos, no primeiro ao apresentar a autora e a recepção de sua obra, propomos uma análise da representatividade alcançada pela jovem escritora, através da fortuna crítica, que ao retratar a história de duas meias irmãs, as transforma em um best-seller mundial. O levantamento de sua fortuna crítica nos permitiu compreender a leitura que se faz da obra com relação aos aspectos relacionados a diáspora e ao “Karma”, ou herança deixada pela escravização ocorrida no território Africano e que está presente na obra.

Ainda dando continuidade na construção deste trabalho, apresentamos a teoria e as relações históricas de apagamento da escravização e seus reflexos, bem como o risco de uma história única.

Debruçados sobre obra propriamente dita, partimos para o primeiro nível de leitura, segundo capítulo, em que foi possível perceber a construção dos personagens, que tem sua história narradas a partir de acontecimentos específicos que retomam acontecimentos passados, o resgata de memórias e a construção da identidade dos personagens começa a ser traçada.

Ao retratar a saga familiar de Effia e seus descendentes, chegamos ao fim da leitura com inquietações e anseios por respostas, o que nos instigou a um segundo nível de leitura, para quem desvendar as armadilhas do texto através das relações históricas existentes na obra.

O terceiro capítulo o qual contempla o segundo nível de leitura, apresentamos as marcas históricas da escravização, além das relações estabelecidas pelo primeiro nível, buscamos compreender como os fatores históricos estão presentes na obra, e de que maneira eles ajudam na compreensão mais profunda, possibilitando resgatar o que passou despercebido na leitura de superfície.

A história do atual país de Gana, a rivalidade das tribos, guerras, comercialização de escravizados e a influência do colonizador, foram fundamentais para construir elementos para análise e compreensão profunda da obra, que se mostra cada vez mais impactante ao ser desvendada.

Inquietos com as armadilhas apresentadas no texto, chegamos ao terceiro nível de leitura, o quarto capítulo, em que retratamos o reencontro com a ancestralidade, o qual nos permitiu enxergar por trás das camadas mais profundas do texto, e assim compreender a essência da obra, o poder da escrita, e principalmente a importância de um leitor perspicaz que não se deixa seduzir por quem está com a palavra. Partindo deste pressuposto, ao desvendá-lo percebemos a relevância da obra de estreia de Gyasi, que dá voz a um povo, mostrando as marcas invisíveis da escravização que devastou civilizações e que ainda hoje estão presentes na vida de seus descendentes. “Eles simplesmente trocariam um tipo de grilhões por outro: trocariam as correntes físicas enroladas nos pulsos e tornozelos pelas correntes invisíveis que envolviam a mente”. (GYASI, 2017b, p.75)

Esperamos, com este trabalho, contribuir para a fortuna crítica da escritora Yaa Gyasi, que conforme retratado anteriormente, pela contemporaneidade da obra, sua fortuna crítica está em construção, contribuindo para ampliar o horizonte investigativo relacionado a obra, dando visibilidade a uma luta tão importante e necessária no que diz respeito as marcas e traumas deixados pelo processo de colonização e escravização, que até hoje são apagados de nossa sociedade, mas que mais serão esquecidos pelos que viveram ou herdaram a “herança amaldiçoada” da escravização.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Gabriela. (2017). Quem é Yaa Gyasi, a escritora que fez da vida de uma família africana um best seller mundial. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/09/quem-e-yaa-gyasi-a-escritora-que-fez-da-vida-de-uma-familia-africana-um-best-seller-mundial/> Acesso em: 27 jul. 2022.

ANTUNES, Gabriela Gargalhão. Escravidão e diáspora: uma análise de O caminho de casa, de Yaa Gyasi. **Revista (Entre Parênteses)**, n. 9, v. 2, 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/1208> Acesso em: 28 jul. 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAÑELLAS i BOSCH, Joana Maria. Taking Away Your Name Is the First Step: The Transgenerational Trauma of Slavery and the Shaping of Identity in Yaa Gyasi's Homegoing. 2018. Grau d' Estudis Anglesos. Universitat de les Illes Balears, Balearic Islands, 2018.

CARDOZO, Maria Jucá de Mello. **O caminho de casa**: ensinar história com a literatura e educar-se nas relações étnico-raciais. 95f. Dissertação de Mestrado Profissional. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2021.

GATELLI, Vanessa Hack. **Black is black**: trauma e identidade em Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves e Homegoing, de Yaa Gyasi. 125f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande. Instituto de Letras. Porto Alegre, RS, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231685> Acesso em: 28 jul. 2022.

GIASY, Yaa. Escritora Yaa Gyasi transforma a história de uma família africana em best-seller mundial. Entrevista concedida a Adriana Ferreira Silva da *Revista Marie Claire*, 2017a. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2017/09/escritora-yaa-gyasi-transforma-historia-de-uma-familia-africana-em-best-seller-mundial.html> Acesso em: 27 jul. 2022.

GYASI, Yaa. **O caminho de casa**. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017b.

GYASI, Yaa. Imagem licenciável. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yaa_Gyasi,_9_27_%2836709389003%29_%28cropped%29.jpg Acesso em: 27 jul. 2022.

GUEYE, M' Baye; BOACHEN, Albert Adu. Iniciativas e resistência africanas na África Ocidental, 1880-1914. In: BOACHEN, Albert du. (ed.). **História geral da África, VII: África sob a dominação colonial 1880-1935**. 2. Ed. Ver. Brasília: UNESCO, 2010.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. **Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019**.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 103-118, 1995/1996.

LEITE, Fabio. *A questão ancestral: África negra*. São Paulo: Palas Athena: Casa das Áfricas, 2008.

OLIVEIRA, Adilson Vagner de; ZANELLA, Eduarda da Rosa; SANTI, Eduarda Monteiro; SCARIOTE, Larissa Dias. O romance pós-colonial na África: as expressões da violência. **PROFISCIENTIA**, n. 14, 2020. Disponível em: <http://www.profiscientia.ifmt.edu.br/profiscientia/index.php/profiscientia/article/view/224/162> Acesso em: 29 jul. 2022.

SCHWARZ, Roberto. **Duas meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. ://www.youtube.com/watch?v=KW9Gw5g_TVE>. Último acesso em: 27 jul. 2020.

UNESCO. Disponível em:

